

REVISTA ADVENTISTA

SETEMBRO 2025



EXEMPLO PARA VULSO: R\$ 4,05 | ASSINATURA: R\$ 48,00



SINAIS DE ALERTA

O PAPEL DA FAMÍLIA E DA IGREJA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO

Steinberg

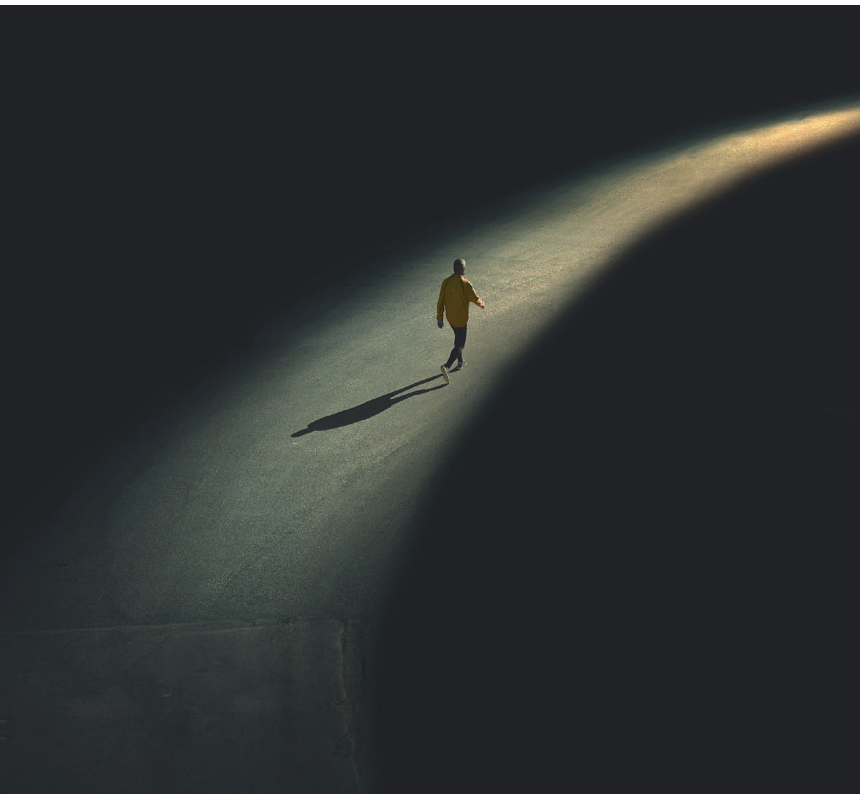
O SIGNIFICADO DAS
CORES DO SANTUÁRIO

ELLEN WHITE E O
VEGETARIANISMO

GERAÇÃO
PÓS-MODERNA

R ADVENTIST
REVIEW

BATISMO
PELOS MORTOS



Luz nas sombras

A RESPONSABILIDADE DE PERCEBER E RESGATAR VIDAS À BEIRA DO FIM

WELLINGTON BARBOSA

CRESCI EM UM BAIRRO EM FORMAÇÃO, NUMA CIDADE

do interior de São Paulo, onde os vizinhos costumavam se reunir para confraternizar. Na época da Copa do Mundo, pintávamos a bandeira do Brasil no asfalto; em julho, pendurávamos enfeites entre os postes; e no dia 31 de dezembro, íamos à rua para cumprimentar os amigos e celebrar a chegada do novo ano.

Contudo, no início da década de 1990, um acontecimento abalou esse costume. Na noite de Ano-Novo, uma de nossas vizinhas estava visivelmente feliz, cumprimentando a todos com votos de paz e prosperidade e afirmando que o ano que se iniciava seria especial. Menos de 12 horas depois, aquela jovem senhora, mãe de dois filhos e divorciada, tirou a própria vida na repartição pública em que trabalhava. No dia 2 de janeiro, a vizinhança voltou a se reunir, mas, desta vez, em um cemitério, para prestar solidariedade à família enlutada.

Durante dias, algumas perguntas pairaram no ar: Por que ela fez aquilo? Como ninguém percebeu


que algo não estava bem? Que tipo de ajuda poderia ter sido oferecida para que a história fosse diferente? De certa forma, todos carregavam algum sentimento de culpa por aquela tragédia, a única registrada naquela rua, onde os vizinhos convivem há quase 40 anos.

O suicídio é um tema complexo e de impacto crescente na sociedade. Estimativas globais da ONU indicam que, a cada ano, mais de 720 mil pessoas tirem a própria vida. No Brasil, um estudo que analisou o período de 2013 a 2023, registrou 144.566 mortes por suicídio, com predominância entre homens (79%), adultos de 20 a 49 anos (59%), escolaridade média de 8 a 11 anos e maioria solteira (62%). As taxas de mortalidade apresentaram tendência de aumento em quase todo o país, com destaque para o crescimento significativo entre homens de 20 a 29 anos e mulheres de 15 a 19 anos. Estima-se que, até 2028, a taxa nacional alcance 8,95 por 100 mil habitantes (link.cpb.com.br/d6df41).

Não há estatísticas recentes com recortes por segmento religioso, mas a percepção é de que, infelizmente, a incidência de suicídios entre cristãos praticantes também tem aumentado. Isso deve nos levar a refletir sobre a responsabilidade que temos de tratar esse tema de maneira sensível e adequada.

Em primeiro lugar, é fundamental compreender o fenômeno e nos desvencilharmos dos mitos e preconceitos que cercam os transtornos emocionais e mentais. Uma visão reducionista dessa condição multifacetada contribui para que pessoas imersas em pensamentos suicidas não recebam o acompanhamento necessário daqueles que estão ao seu redor. Além disso, é essencial desenvolver estratégias de conscientização, capacitação e acolhimento, para que o ambiente da igreja seja reconhecido como um lugar seguro para quem sofre e enfrenta a ideiação suicida.

Também não se pode esquecer de que a mensagem adventista enfatiza a saúde integral. A promoção de um estilo de vida saudável, em todas as suas dimensões, não deve se limitar a eventos pontuais. O equilíbrio entre os aspectos físico, mental, social e espiritual favorece o bem-estar e ajuda no enfrentamento de crises emocionais profundas.

Por fim, a igreja deve ser uma comunidade de esperança, onde aqueles que se encontram sob a sombra do suicídio sejam iluminados por Aquele que transforma e dá sentido à vida. Se os “terrores da noite” (Sl 91:5) vierem, o Sol da Justiça Se levantará, trazendo cura e paz (Ml 4:2). Somos embaixadores dessa mensagem e não podemos nos eximir de nossa responsabilidade. 

WELLINGTON BARBOSA é editor da *Revista Adventista*

A IGREJA DEVE
SER RECONHECIDA
COMO UM LUGAR
SEGURO PARA
AQUELES QUE
ENFRENTAM A
IDEAÇÃO SUICIDA

ADVENTIST REVIEW

Adventist Review é a publicação oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em inglês. Fundada em 1849, nos Estados Unidos, ela é produzida mensalmente pela sede mundial da denominação.

Editor: Justin Kim
Editores associados: Greg Scott, John Peckham e Sikhululekile Daco
Editores-assistentes: Beth Thomas, Enno Müller, Jonathan Walter e Shawn Boonstra

Tradutora: Sonete Costa
Arte e Design: Brett Meliti, Ellen Musselman, Fred Wuerstlin e Types & Symbols
Gerente de Avaliação Editorial: Marvene Thorpe-Baptiste

Gerente de Distribuição: Sharon Tennyson
Gerente Financeira: Kimberley Brown
Gerente de Operações: Sikhululekile Daco
Conselheiro: E. Edward Zinke

Conselho editorial: Ted N. C. Wilson, Guillermo Biaggi, Justin Kim, Audrey Andersson, G. Alexander Bryant, Zeno Charles-Marcel, Williams Costa Jr., Paul H. Douglas, Mark A. Finley, James Howard, Erton Köhler, Geoffrey Mbwana, Magdiel Perez Schultz, Artur Stele, Ray Wahlen e Karmik Doukmetzian



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rodovia SP 127, km 106
Caixa Postal 34, CEP 18270-970, Tatui (SP)
Fone: (15) 3205-8800 / WhatsApp: (15) 98100-5073
Site: cpb.com.br

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE
Segunda a quinta, das 8h às 20h / sexta, das 8h às 15h45 / domingo, das 8h30 às 14h
Contato: (15) 3205-8888
Ligação gratuita: 0800 979-0606

Presidente: Uilson Garcia
Diretor Financeiro: Diego Lottermann
Gerente Editorial: Wellington Barbosa
Gerente de Produção: Reisner Martins
Gerente Comercial: Filipe Corrêa de Lima

Não se devolvem originais, mesmo não publicados.
As versões bíblicas usadas são a Nova Almeida Atualizada e a Nova Versão Internacional, salvo outra indicação.

Exemplar avulso: R\$ 4,05 | Assinatura: R\$ 48,60
Números atrasados: Preço da última edição.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

SUMÁRIO

SETEMBRO 2025



12 ALÉM DO SILÊNCIO
Por que a prevenção do suicídio começa no lar e na igreja



24 MARCAS DA PÓS-MODERNIDADE
Influências que moldam os jovens



30 CORES QUE ENSINAM
O santuário, o Egito e a didática divina



20 ESPIRITUALIDADE E SAÚDE
O vegetarianismo nos escritos e na experiência de Ellen White



29 BATISMO PELOS MORTOS
O que o apóstolo Paulo quis dizer em 1 Coríntios 15:29?



44 LEGADO NEGLIGENCIADO
Os 500 anos da Reforma Radical

- 2 EDITORIAL**
Luz nas sombras
- 4 CANAL ABERTO**
Opinião de quem lê
- 5 BÚSSOLA**
Prioridades estratégicas
- 6 ENTREVISTA**
Novo diretor musical
- 8 PAINEL**
Fatos, gente, números e editais
- 18 ENTENDA**
Emoções restauradas
- 23 BEM-ESTAR**
Volta ao mundo
- 28 PRIMEIROS PASSOS**
Sim à vida!
- 35 RETRATOS**
Encontro do anciano no extremo Norte do Brasil
- 37 EDUCAÇÃO ADVENTISTA**
Ensino com propósito
- 38 SAÚDE**
Diets contra o câncer
- 39 CONCÍLIO**
Construindo juntos
- 40 HISTÓRIA**
O missionário desconhecido
- 43 MEMÓRIA**
Dormiram no Senhor
- 48 EM FAMÍLIA**
Fidelidade à prova
- 49 ESTANTE**
Momentos com Deus
- 50 ENFIM**
O que faremos no paraíso?

CAPA

Fiquei muito impactado com a capa da RA de agosto, especialmente após a leitura do editorial. Além de compreender o contexto histórico que nos remete à Assembleia da Associação Geral de 1946, atribuí significado a dois elementos artisticamente apresentados pelos ilustradores: (1) O grande líder da igreja é Cristo. Ele é o autor e promotor da missão. Ele tem pressa, e Seu foco é imutável: a salvação do mundo. (2) Os líderes humanos, estabelecidos para conduzir a igreja avante, devem marchar na mesma direção. Afinal, “a igreja é o instrumento escolhido por Deus para a salvação dos seres humanos. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* [CPB, 2021], p. 7). Por tudo isso, senti-me motivado a orar por nossos líderes e a tomar parte na missão de Deus. Entendo que essas ações são, ao mesmo tempo, meu dever e meu privilégio.

Antonio Carlos Tavela | via WhatsApp



NACIONALISMO CRISTÃO

O artigo de Clifford Goldstein, publicado na RA de julho, apresentou clareza e profundidade notáveis, mesmo ocupando apenas uma página da revista. Ao relembrar as palavras de Ellen White em *O Grande Conflito*, mostrando que a igreja recorreu ao Estado para impor seus ensinamentos quando perdeu o Espírito e o poder de Deus, o autor destacou a origem e as consequências dos atos de cristãos que desejaram impor suas crenças a toda a sociedade por meio da força política. A falta de comunhão com Deus distorce a compreensão de Seu caráter e da forma como Ele Se relaciona com o ser humano. Saulo, por exemplo, acreditava estar cumprindo a vontade de Deus ao perseguir os seguidores de Cristo, julgando preservar a fé pura. Assim também será nos últimos momentos da história: aqueles que perseguirem o remanescente o farão acreditando agir em nome de Deus, usando a força do Estado para isso. Que o Espírito Santo nos conceda clareza para rejeitarmos a idolatria disfarçada de zelo espiritual nestes dias finais da humanidade.

André Henrique Leite | via e-mail

ASSEMBLEIA MUNDIAL

Ao estudar a Bíblia Sagrada e a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, não há dúvidas de que a mão de Deus está no leme, conduzindo-nos rumo ao porto seguro. Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo pela organização de Sua igreja.

Gilson Silva de Almeida | via Instagram

profunda e equilibrada, tanto os benefícios que essas ferramentas podem oferecer quanto os riscos que representam quando não são bem utilizadas, especialmente no que se refere à vida espiritual, às relações sociais e à saúde. O ambiente virtual pode – e deve – ser um espaço para reforçar nossa identidade cristã e adventista. O domínio do tema, o diálogo em família, a definição de limites e o uso sábio das ferramentas digitais transformam o mundo virtual em um lugar em que é possível aproveitar seus benefícios e, ao mesmo tempo, direcioná-lo para o cumprimento da missão.

Wendel Pacheco | Brasília (DF)

IMPACTO POSITIVO

Gostaria de expressar minha opinião sobre a revista de abril de 2025, que abordou o tema da pureza do evangelho. Fiquei maravilhada não apenas com esse conteúdo, mas com todos que li. Não quero deixar de ler nenhuma edição, pois tem me ajudado muito nesta etapa da minha vida.

Daisy Lacerda | via e-mail

DISTRÁIDOS

A matéria de capa da edição de julho abordou de forma relevante como a tecnologia tem impactado a formação das novas gerações. O artigo apresentou, de maneira

Expresse sua opinião por meio de nossas mídias sociais

RA: youtube.com/@revista-adventista fb.com/RevistaAdventista instagram.com/revista.adventista x.com/rev_adventista

CPB: youtube.com/@casapublicadora fb.com/cpbeditora instagram.com/cpbeditora x.com/cpbeditora

Se preferir, envie um e-mail para: ra@cpb.com.br

Os comentários publicados não representam necessariamente o pensamento da revista e podem ser editados por questão de clareza ou espaço.



Prioridades estratégicas

AS QUATRO ÊNFASES DA IGREJA NA AMÉRICA DO SUL PARA O PRÓXIMO QUINQUÊNIO

STANLEY ARCO

A LIDERANÇA MUNDIAL DA IGREJA ADVENTISTA DEFINIU

quatro pilares essenciais para guiar a vida da igreja ao redor do mundo: Comunhão com Deus, Identidade em Cristo, Unidade pelo Espírito Santo e Missão para Todos.

Na Divisão Sul-Americana, em conformidade com esses quatro pontos fundamentais, estabeleceu-se, após um longo processo que envolveu todos os níveis administrativos eclesiásticos, a partir da igreja local, um direcionamento claro. Após um encontro presencial com 1.400 líderes de oito países do continente e uma intensa busca em oração para fortalecer, alinhar e cumprir a missão, foram definidas nossas quatro Prioridades Estratégicas para o período de 2026 a 2030, que gostaria de apresentar de maneira resumida.

1. Identidade. Fomos chamados por Deus para guardar Seus mandamentos e manter a fé em Jesus, proclamando a segunda vinda de Cristo. Devemos viver de acordo com as Escrituras Sagradas e ensiná-las às pessoas, reforçando a identidade profética da igreja como povo remanescente, comprometido com as crenças fundamentais e o estilo de vida adventista.

2. Liderança. Quando a igreja tem líderes bem-preparados, eles inspiram e habilitam outros a servir

com propósito. Entre as prioridades, está aprimorar o ancionato com materiais teológicos e administrativos, além de reforçar suas habilidades pastorais.

3. Novas gerações. A igreja atual e futura depende do crescimento integral de crianças, adolescentes e jovens em sua vida espiritual, participação na missão e engajamento na liderança. Vamos envolver as novas gerações na comunhão e na adoração, na missão e na liderança.

4. Discipulado. Fazer discípulos é um mandamento divino, um processo constante de relacionamento com Jesus que incentiva cada discípulo a formar novos discípulos, utilizando seus talentos para a obra da salvação. Por meio da oração, do estudo da Bíblia, do testemunho e da fidelidade, construiremos uma conexão pessoal com Deus.

O apóstolo Paulo escreveu: “Portanto, tenham cuidado com a maneira como vocês vivem, [...] aproveitando bem o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, [...] procurem compreender qual é a vontade do Senhor” (Ef 5:15-17).

Naquela época, “os dias maus” eram causados pela perseguição do Império Romano, que colocava em risco o cumprimento da missão. Atualmente, nossos dias maus são consequência do aumento do pecado, da indiferença, do secularismo, da apatia espiritual e da falta de dedicação à fé, à esperança e à missão.

Deus nos oferece uma nova oportunidade para o quinquênio de 2026 a 2030. Temos um plano estratégico a ser desenvolvido, unindo todos os irmãos, todas as igrejas e todas as instituições, somando todas as forças, sendo relevantes em todos os lugares e agindo com urgência, pois “temos somente poucos dias de graça para nos prepararmos para a eternidade. Não temos tempo para desperdiçar” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* [CPB, 2022], p. 199).

“A cada dia o tempo de graça de alguém se encerra. A cada hora alguns passam para além do alcance da misericórdia. E onde estão as vozes de aviso e apelo, dizendo para o pecador fugir dessa condenação terrível? Onde estão as mãos estendidas para fazê-lo retroceder do caminho da morte? Onde estão os que com humildade e fé perseverante intercedem junto a Deus por ele?” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 110).

Vamos juntos aproveitar as oportunidades e urgentemente cumprir a missão, fortalecendo nossa identidade profética, liderança, o envolvimento das novas gerações e o discipulado, com os joelhos no chão, as mãos na missão e o coração no Céu. 🚩

STANLEY ARCO é presidente da Igreja Adventista para a América do Sul

VAMOS CUMPRIR
A MISSÃO COM
OS JOELHOS NO
CHÃO, AS MÃOS
NA MISSÃO E O
CORAÇÃO NO CÉU

Novo diretor musical

UMA CONVERSA COM O SUBSTITUTO DO MAESTRO JADER SANTOS NO QUARTETO ARAUTOS DO REI



Desde a infância, Myson Charly esteve imerso na música da igreja em sua cidade natal, São Gabriel da Palha (ES), onde sua mãe liderava um grupo infantil. Aos sete anos, começou no piano e, aos 14, no Educandário Espírito-Santense Adventista (Edessa), ampliou sua experiência ao participar de quartetos, corais, grupos vocais e de sinos. Cursos de Composição e Regência na Universidade Federal da Bahia (UFBA), paralelamente ao trabalho como diretor de música do Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (Uniaene). A partir de então, sua trajetória incluiu a liderança musical no Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (Ipaee) e em diversas igrejas e projetos pelo Brasil, consolidando-se como produtor, arranjador, compositor e ministro de música. Em 2024, integrou o projeto comemorativo dos 30 anos da Gravadora Novo Tempo como pianista e editor de áudio e, em junho deste ano, recebeu aquele que considera o maior chamado de sua vida. Confira, a seguir, a entrevista com o novo diretor musical do quarteto A ARAUTOS DO REI.

Como se sente ao assumir a liderança musical de um ministério tão tradicional e querido como o dos A ARAUTOS DO REI, especialmente após o legado marcante deixado por Jader Santos?

➤ Assumir essa responsabilidade é compreender que não se trata de talento ou posição, mas de profunda comunhão com Deus, reverência e obediência. Grandes músicos e amigos já assumiram essa missão. Todos deixaram sua marca e seu legado, sendo que o maestro Jader foi o que permaneceu por mais tempo. Sua poesia, harmonia e criatividade influenciaram gerações, inclusive a minha. Acredito que não estarei sozinho nessa jornada. Como sempre dizem: “Uma vez arauto, sempre arauto!” Estarei atento aos conselhos, às composições e, sobretudo, ao que Deus deseja de mim neste momento da história.

Quais são, na sua visão, os principais desafios desse novo momento do grupo?

➤ Fortalecer e ampliar nossa presença nas redes sociais, desenvolver novos projetos de forma contínua e utilizar todas as ferramentas disponíveis para alcançar os jovens. Tudo isso sem perder nossa essência e responsabilidade, mas com criatividade e inovação.

O que torna o quarteto A ARAUTOS DO REI tão especial e relevante para a Igreja Adventista ao longo de tantas décadas?

➤ Em primeiro lugar, destaca-se o apoio incondicional que a liderança da Igreja Adventista e da Rede Novo

Tempo oferece ao ministério A Voz da Profecia. Nada disso seria possível sem esse nível de apoio e suporte. Os A ARAUTOS DO REI dialogam com todos os públicos: das crianças aos mais experientes, de membros da igreja a pessoas de outras tradições religiosas e crenças. Há também uma atenção especial à grande comunidade de língua hispana. A qualidade musical e o esmero dedicados a cada projeto tornam o quarteto uma extensão viva da Igreja Adventista, conectando fé e arte ao longo das gerações, com excelência, fidelidade e propósito.

Como você avalia o papel da música na adoração e na missão da igreja atualmente?

➤ Na adoração, a música prepara nosso coração para a presença de Deus. Ela expressa doutrinas e verdades bíblicas, nos acalma diante dos desafios da vida e nos lembra de que Ele está no controle de tudo. Já na missão, a música se torna uma ferramenta poderosa de evangelismo, testemunho e inteligência estratégica.

Você já começou a trabalhar em novos projetos com o quarteto? Pode nos dar algum “spoiler” sobre o que vem por aí em termos de repertório, estilo ou abordagem?

➤ Sempre fui um sonhador. Assim que fui nomeado, comecei a anotar ideias: A ARAUTOS DO REI com orquestra sinfônica, turnês, projetos voltados para crianças e Desbravadores, composições que abordem temas atuais, entre outros planos. Estarei atento à voz de Deus e às necessidades da igreja. 🎨



A VERDADE REVELADA

SEMANA DA ESPERANÇA 2025

20 a 27 DE
SETEMBRO

Para mais informações acesse:

adv.st/semanadaesperanca

GENTE

LEGADO MUSICAL

Há mais de 60 anos, o quarteto Arautos do Rei tem proclamado a volta de Jesus por meio da música. O pastor e maestro **Jader Santos** esteve à frente desse ministério por **25 anos**. No entanto, suas apresentações na última Assembleia da Associação Geral marcaram sua despedida da função. Com sua aposentadoria, quem assume o cargo de diretor musical do quarteto é Myson Charly (leia a entrevista na p. 6).



PUBLICAÇÃO INTERNACIONAL

O pastor **Felipe Masotti**, professor de Teologia da Faculdade Adventista do Paraná (FAP), lançou pela editora americana Eisenbrauns o livro *Exploring the Composition of the Pentateuch*, segundo volume de uma série internacional que responde, com rigor acadêmico, à teoria crítica sobre a origem dos cinco primeiros livros da Bíblia. A obra, fruto de uma conferência idealizada por Masotti em parceria com os professores Kenneth Bergland e Roy Gane, reúne renomados estudiosos adventistas, judeus, católicos e evangélicos conservadores comprometidos com a defesa da autoria mosaica do Pentateuco e consolida a presença adventista no debate teológico internacional.



CICLISTA FIEL



Marcos Góes, advogado e líder de igreja em Lauro de Freitas (BA), alcançou um feito inédito no **Campeonato Baiano de Ciclismo de Estrada**, realizado em Castro Alves, nos dias 19 e 20 de julho: competir na prova de contra-relógio após o pôr do sol de sábado, em respeito à sua fé. Campeão estadual amador em 2022, ele terminou a disputa com o 3º melhor tempo na categoria “Elite” e repetiu a colocação na prova de resistência no dia seguinte. Para Marcos, no entanto, sua maior vitória foi ter o direito de crença respeitado e poder testemunhar sua fé, inclusive orando com colegas após a competição.

EVENTOS

CELEBRAÇÃO



Em comemoração aos **130 anos da Igreja Adventista de Gaspar Alto**, no município de Gaspar (SC) – primeiro templo da denominação no país – foi inaugurada uma réplica da fachada original da congregação e anunciada a criação do Museu da Educação Adventista. Para marcar a data, também foi lançado um site de doações com o objetivo de apoiar projetos de preservação da história na comunidade adventista, que permanece em funcionamento até hoje.

1 BILHÃO

É o número de pessoas que a rede internacional Hope Channel pretende alcançar até 2030, segundo anúncio feito durante uma conferência que reuniu líderes globais da mídia adventista para discutir novas estratégias, compartilhar experiências e reafirmar o compromisso com a inovação e a missão.

FATOS

EVANGELISMO RADIOFÔNICO

A Rádio Novo Tempo, em parceria com a instrutora bíblica virtual Esperança, preparou um **novo guia de estudos bíblicos** totalmente em áudio, especialmente pensado para pessoas com deficiência visual e para todos que preferem aprender ouvindo. O material foi desenvolvido para tornar o estudo da Bíblia mais simples, imersivo e acessível, promovendo a inclusão e ampliando o alcance da mensagem. Lançado em junho, o curso traz 16 lições que abordam temas importantes da Bíblia, desde a criação até a volta de Jesus, focalizando histórias de fé, milagres e transformações. Para participar, os interessados devem enviar uma mensagem de texto ou de áudio com a frase "O Deus que Fala" para o WhatsApp (12) 98200-0062.

Chegou o primeiro guia de estudo da Bíblia feito para pessoas com deficiência visual!

Veja como é fácil começar a aprender

- Envie uma mensagem de texto ou áudio com a frase "O Deus que Fala" para o Whatsapp (12) 98200-0062
- Se for áudio, fale pausadamente em um local sem ruídos
- A Esperança, nossa instrutora bíblica virtual, irá te guiar por todas as lições do curso!

100% em áudio

GUIA DE ESTUDO DA BÍBLIA EM ÁUDIO

O Deus que fala

87 MIL BATISMOS

Foram realizados no território da Divisão Interamericana como resultado de uma campanha evangelística que durou quatro meses.

PREMIAÇÕES

A plataforma de streaming **Feliz7Play** conquistou cinco prêmios em um festival internacional realizado em **Cannes**, na França. As produções premiadas – *Camile*, *Incertezas*, *Onde Estiver Seu Coração*, *Projeto Fósseis e Não Temas* – abordam temas como justiça social, saúde mental, fé, família e superação. Para os produtores, esse reconhecimento é um sinal claro de que o conteúdo cristão tem alcançado novos públicos e gerado impacto real, transmitindo uma mensagem de esperança e salvação por meio do audiovisual.



DATA OFICIAL

A campanha **Quebrando o Silêncio** foi oficializada no calendário do **Mato Grosso do Sul** por meio da Lei Estadual nº 6.418/2025, que estabelece o quarto sábado de agosto como seu dia oficial. Promovida desde 2002 pela Igreja Adventista em oito países da América do Sul, a iniciativa de 2025 terá como foco a violência digital, abordando riscos como o *cyberbullying* e a exposição indevida. A oficialização tem como objetivo fortalecer as ações de combate, mobilizar a sociedade e ampliar as políticas públicas, com a expectativa de aumentar o engajamento municipal e garantir maior proteção às vítimas em todo o estado.

É LEI EM MATO GROSSO DO SUL

Campanha **quebrandoosilêncio** agora faz parte do Calendário Oficial de Eventos do Estado.

Celebrada anualmente
4º sábado de agosto

Lei nº 6.418, sancionada em 3 de junho de 2025

Governo do Estado de Mato Grosso do Sul | Associação Sul-Mato-Grossense

Convocação da 8ª Assembleia Ordinária da União Sul-Brasileira

Fica convocada a 8ª Assembleia Ordinária da União Sul-Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inscrita no CNPJ nº 79.080.602/0001-56, a ser realizada nos dias 23 e 24 de novembro de 2025, tendo início às 17h do dia 23, nas dependências do Catre Purunã, localizado na Rua Vereador João Bertoja Filho, nº 983, no bairro São Luiz do Purunã, em Balsa Nova (PR), para tratar dos seguintes assuntos de sua competência: (1) receber as novas Associações e Missões organizadas durante o período administrativo anterior; (2) apreciar e aprovar os relatórios do presidente, do secretário executivo, do tesoureiro/CFO, do secretário da Associação Ministerial, dos diretores dos departamentos e serviços e dos administradores das Missões e instituições da União; (3) eleger, para um mandato de cinco anos, os administradores da União, o secretário da Associação Ministerial, os diretores dos departamentos e serviços e os membros da Comissão Diretiva da União; (4) eleger os administradores das Missões, para um mandato de dois anos e seis meses; (5) elaborar planos para o melhor desenvolvimento da Obra, em harmonia com os regulamentos e as deliberações da Divisão; (6) apreciar e aprovar emendas e alterações no Ato Constitutivo e no Regulamento Interno vigentes da União, propostas pela Comissão Diretiva, observando as diretrizes do modelo aprovado pela Divisão; e (7) deliberar e aprovar outros assuntos propostos pela Comissão Diretiva.

Curitiba (PR), 15 de abril de 2025

Marlinton Souza Lopes, presidente

Harry James Streithorst, secretário executivo

Convocação da 24ª Assembleia Ordinária da Associação Sul-Catarinense

Fica convocada a 24ª Assembleia Ordinária da Associação Sul-Catarinense da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inscrita no CNPJ nº 79.080.602/0004-07, a ser realizada no dia 30 de novembro de 2025, tendo início às 8h, nas dependências do Catre, localizado na Rua dos Recantos, nº 664, no bairro Palmas, em Governador Celso Ramos (SC), para tratar dos seguintes assuntos de sua competência: (1) receber as novas igrejas organizadas no período administrativo anterior; (2) apreciar e aprovar os relatórios do presidente, do secretário executivo, do tesoureiro/CFO, do secretário da Associação Ministerial, dos diretores dos departamentos e serviços e dos administradores das instituições da Associação; (3) eleger, para um mandato de quatro anos, os administradores da Associação, o secretário da Associação Ministerial, os diretores dos departamentos e serviços e os membros da Comissão Diretiva da Associação; (4) aprovar alterações ou modificações no Ato Constitutivo e no Regulamento Interno, observadas as diretrizes fixadas no modelo aprovado pela Divisão; (5) elaborar planos para o melhor desenvolvimento da Obra, em harmonia com os regulamentos e as deliberações da União e da Divisão; e (6) deliberar e aprovar outros assuntos propostos pela Comissão Diretiva.

São José (SC), 14 de maio de 2025

Paulo Roberto Barbosa Lopes, presidente

Lucas Vanderley Marçal Durão, secretário executivo

Convocação da 2ª Assembleia Ordinária da Associação Sul-Maranhense

Fica convocada a 2ª Assembleia Ordinária da Associação Sul-Maranhense da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inscrita no CNPJ nº 04930244/0058-60, a ser realizada nos dias 22 e 23 de novembro de 2025, tendo início às 19h30 do dia 22, nas dependências do Colégio Adventista de Imperatriz, localizado na Rua Brasil, nº 1429, em Imperatriz (MA), para tratar dos seguintes assuntos de sua competência: (1) receber as novas igrejas organizadas anteriormente à sua realização; (2) apreciar e aprovar os relatórios do presidente, do secretário executivo, do tesoureiro/CFO, do secretário da Associação Ministerial, dos diretores dos departamentos e serviços e dos administradores das instituições da Associação; (3) eleger, para um mandato de quatro anos, os administradores da Associação, o secretário da Associação Ministerial, os diretores dos departamentos e serviços e os membros da Comissão Diretiva da Associação; (4) aprovar alterações ou modificações no Ato Constitutivo e no Regulamento Interno, observadas as diretrizes fixadas no modelo aprovado pela Divisão; (5) elaborar planos para o melhor desenvolvimento da Obra, em harmonia com os regulamentos e as deliberações da União e da Divisão; e (6) deliberar e aprovar outros assuntos propostos pela Comissão Diretiva.

Imperatriz (MA), 10 de junho de 2025

Valmir Teixeira Barros, presidente

Ângelo Evangelista Belo Serra, secretário executivo

Convocação da 6ª Assembleia Ordinária da União Nordeste

Fica convocada a 6ª Assembleia Ordinária da União Nordeste da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inscrita no CNPJ nº 01.104.932/0001-47, a ser realizada nos dias 26 e 27 de novembro de 2025, tendo início às 19h do dia 26, nas dependências do Mar Hotel Conventions, localizado na Rua Barão de Souza Leão, nº 451, no bairro de Boa Viagem, em Recife (PE), para tratar dos seguintes assuntos de sua competência: (1) apreciar e aprovar os relatórios do presidente, do secretário executivo, do tesoureiro/CFO, do secretário da Associação Ministerial, dos diretores dos departamentos e serviços e dos administradores das Missões e instituições da União; (2) eleger, para um mandato de cinco anos, o secretário da Associação Ministerial, os diretores dos departamentos e serviços e os membros da Comissão Diretiva da União; (3) eleger os administradores das Missões, para um mandato de dois anos e seis meses; (4) elaborar planos para o melhor desenvolvimento da Obra, em harmonia com os regulamentos e as deliberações da Divisão; e (5) deliberar e aprovar outros assuntos propostos pela Comissão Diretiva.

Jaboatão dos Guararapes (PE), 25 de junho de 2025

Alijofran Lima Brandão, presidente

Otávio José Barreto Lima, secretário executivo

Convocação da 11ª Assembleia Ordinária da Associação Brasil Central

Fica convocada a 11ª Assembleia Ordinária da Associação Brasil Central da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inscrita no CNPJ nº 07121135/0007-40, a ser realizada nos dias 22 e 23 de novembro de 2025, tendo início às 19h30 do dia 22, nas dependências do Hotel K, localizado na Avenida Jamel Cecílio, nº 2550, no bairro Jardim Goiás, em Goiânia (GO), para tratar dos seguintes assuntos de sua competência: (1) receber as novas igrejas organizadas no período administrativo anterior; (2) apreciar e aprovar os relatórios do presidente, do secretário executivo, do tesoureiro/CFO, do secretário da Associação Ministerial, dos diretores dos departamentos e serviços e dos administradores das instituições da Associação; (3) eleger, para um mandato de quatro anos, os administradores da Associação, o secretário da Associação Ministerial, os diretores dos departamentos e serviços e os membros da Comissão Diretiva da Associação; (4) aprovar alterações ou modificações no Ato Constitutivo e no Regulamento Interno, observadas as diretrizes fixadas no modelo aprovado pela Divisão; (5) elaborar planos para o melhor desenvolvimento da Obra, em harmonia com os regulamentos e as deliberações da União e da Divisão; e (6) deliberar e aprovar outros assuntos propostos pela Comissão Diretiva.

Goiânia (GO), 27 de junho de 2025

Fernando Campanha Rios, presidente

Wesley de Oliveira, secretário executivo

Convocação da 20ª Assembleia Ordinária da Associação Central Amazonas

Fica convocada a 20ª Assembleia Ordinária da Associação Central Amazonas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, inscrita no CNPJ nº 11.200.726/0003-56, a ser realizada nos dias 23 e 24 de novembro de 2025, tendo início às 19h30 do dia 23, na Igreja Adventista do Alphaville, situada à Rua Thales Loureiro, nº 562, no bairro Ponta Negra, em Manaus (AM), para tratar dos seguintes assuntos de sua competência: (1) receber os novos grupos e igrejas organizados durante o período administrativo anterior; (2) apreciar e aprovar os relatórios do presidente, do secretário executivo, do tesoureiro/CFO, do secretário da Associação Ministerial e dos diretores dos departamentos; (3) eleger, para um mandato de quatro anos, o presidente, o secretário executivo, o tesoureiro/CFO, o secretário da Associação Ministerial, os diretores dos departamentos e os membros da Comissão Diretiva da Associação; (5) elaborar planos para o melhor desenvolvimento da Obra, em harmonia com os regulamentos e as deliberações da União e da Divisão; e (6) deliberar e aprovar outros assuntos propostos pela Comissão Diretiva.

Manaus (AM), 22 de julho de 2025

Nelson Suci, presidente

Márcio Castro, secretário executivo

Colaboradores: Cristina Levano, Daniel Gonçalves, Gabriela Frontini, Jefferson Braun, Késia Grigoletto, Libna Stevens, Márcio Tonetti, Sara Verneque e Suzaeny Lima

Dia das Crianças

Coisas que só uma boa história FAZ

Ensinar valores duradouros pode ser mais leve e inesquecível.

Os produtos infantis da CPB tornam o culto familiar mais divertido e fortalecem o crescimento espiritual das crianças com criatividade e segurança.

Ganhe uma **SACOCILA** nas compras a partir de

R\$ 149,90

Promoção válida de 1º de setembro a 12 de outubro de 2025 para compras de produtos infantis, exceto assinatura de revistas (Nosso Amiguinho e Nosso Amiguinho Jr), livros didáticos e uniforme escolar. Créditos: MKT - CPB | Imagem: Generativa.



E-commerce
CPB.COM.BR



Call Center
0800-9790606
☎ 15 98100-5073



CPB Livraria
Acesse e confira a livraria mais próxima



Baixe o Aplicativo



CPB
pra toda a vida

ALÉM DO

SI LEN COO





A PREVENÇÃO DO

SUICÍDIO COMEÇA

NO LAR E NA IGREJA

WÉLIDA DANCINI

A pequena igreja foi abalada por uma notícia repentina. Lucas, o menino de sorriso contagiante que sempre colaborava na Escola Sabatina e tocava violão nos momentos de adoração, havia partido. Ele cometeu suicídio aos 17 anos. O choque inicial foi seguido por um silêncio denso, repleto de perguntas sem resposta e uma dor que parecia insuportável.

Para Ana, sua mãe, o mundo desmoronou. Cada espaço da casa, cada foto e cada recordação de Lucas se tornaram um gatilho para um mar de lágrimas e um turbilhão de perguntas. “Em que ponto falhei?”, “Deveria ter notado algo?”, “Ele estava sofrendo e eu não percebi?”. A culpa a consumia, mesclada à saudade dolorosa e a uma profunda incompreensão. Como seu filho, que aparentava estar cheio de vida, chegou a esse ponto? As noites eram longas e vazias, marcadas por um luto que parecia interminável.

Na igreja, a dor também era sentida. Os membros se encaravam com tristeza, e muitos se perguntavam: “Nós o amávamos, por que ele não nos procurou?”, “Será que não fomos acolhedores o bastante?” Os líderes se sentiam frustrados ao tentarem curar uma ferida que parecia não cicatrizar. O sermão do sábado seguinte tratou do amor de Deus e da importância de cuidar uns dos outros, porém a voz do pastor estava embargada e muitos tinham os olhos marejados. A comunidade, que antes era tão unida, agora se via diante da fragilidade da vida e da complexidade do sofrimento humano.

Por muito tempo, o suicídio foi um assunto cercado por silêncio e estigma. Entretanto, essa é uma realidade dolorosa que afeta pessoas, famílias e comunidades e, como igreja, não podemos permanecer calados diante do sofrimento. Tratar o tema com compaixão, compreensão e esperança é um apelo urgente para todos, especialmente considerando os princípios de amor e cuidado que guiam a fé adventista.

A dor que faz uma pessoa pensar em suicídio é complexa e tem várias facetas. Geralmente, é causada por uma combinação de fatores, como transtornos mentais (depressão, ansiedade), solidão, pressões da vida, traumas e falta de esperança. É importante compreender que o suicídio não é um ato de covardia, mas o triste resultado de um sofrimento intolerável. Nossa fé nos orienta a enxergar cada pessoa como uma criação divina de valor inestimável, além de nos incentivar a oferecer apoio e compreensão àqueles que enfrentam dificuldades.

SOFRIMENTO MENTAL NA PERSPECTIVA CRISTÃ

A complexidade da experiência humana envolve as interações intrínsecas entre corpo, mente e espírito. No contexto da fé cristã, a interpretação do sofrimento mental muitas vezes enfrenta mal-entendidos e estigmas profundamente arraigados, que incorretamente vinculam condições como depressão e ansiedade à “falta de fé” ou a um “pecado”.

GERALMENTE, A IDEAÇÃO SUICIDA NÃO APARECE SEM DEIXAR VESTÍGIOS. OBSERVAR ESSAS MUDANÇAS PODE SER CRUCIAL NO PROCESSO DE RESGATE

A neurociência, por meio de diversas pesquisas científicas, demonstra que o sofrimento mental não é uma deficiência moral, mas uma expressão de mudanças nas redes neurais e nos neurotransmissores cerebrais. Dessa forma, condições como a depressão maior e transtornos de ansiedade estão associadas a disfunções nos sistemas límbicos e corticais, responsáveis pela regulação do humor, cognição e respostas emocionais. Evidências cada vez mais robustas sugerem que desequilíbrios em neurotransmissores como serotonina, dopamina e noradrenalina, além de fatores genéticos, epigenéticos e neuroinflamatórios, contribuem significativamente para a etiologia de quadros depressivos. Embora complexas, essas condições de saúde são tão legítimas quanto doenças cardíacas ou diabetes e necessitam de uma abordagem clínica apropriada. A fisiologia do cérebro pode, assim como qualquer outro órgão, estar sujeita a disfunções que causam sofrimento.



MITOS SOBRE DOENÇAS MENTAIS E FÉ



Doença mental é falta de fé, fragilidade espiritual ou consequência de pecado.

Oração e fé são suficientes para curar a doença mental.



Medicação e terapia são tratamentos desnecessários ou “mundanos”.



Sob uma ótica psiquiátrica, é possível afirmar que a saúde mental é parte fundamental da saúde como um todo. Transtornos mentais são diagnósticos estabelecidos com base em critérios clínicos e sintomas específicos, aceitos por entidades de saúde em todo o mundo. A premissa de que a fé isoladamente pode “curar” uma doença mental ignora a multifatorialidade etiológica desses quadros. Apesar de a espiritualidade ser uma ferramenta eficaz de resiliência e enfrentamento, funcionando como amortecedora do estresse e geradora de sentido, ela não substitui a intervenção médica em casos de desregulação neurobiológica. O tratamento psiquiátrico, que pode incluir farmacoterapia e psicoterapia, visa restaurar o equilíbrio neuroquímico e funcional, permitindo que a pessoa alcance saúde integral.

É necessário levar em conta que o sofrimento psicológico é um componente intrínseco da experiência humana. A fé pode proporcionar esperança e sentido, porém não garante proteção contra a dor emocional ou as dificuldades da vida. Ao longo da história, personagens bíblicos como o profeta Elias, que em um momento de intenso desespero desejou morrer (1Rs 19:4), ou Jesus no Getsêmani, que gritou em agonia antes de Sua crucificação (Mt 26:38), mostram que todos, inclusive os religiosos, podem passar por angústias devastadoras. Esses relatos bíblicos atuam como um lembrete compassivo de que o sofrimento emocional não é algo exclusivo de


quem está “longe de Deus”, mas uma experiência que vai além da condição espiritual.

SINAIS DE ALERTA


Pessoas com ideação suicida geralmente vivem uma avalanche de pensamentos que as conduzem a uma condição de desespero e impotência. Elas podem ter a sensação de serem um peso para os outros, de que não há perspectiva de melhora em sua situação e de que a dor que sentem é insuportável e duradoura. É normal que esses pensamentos envolvam a ideia de que estão “encurraladas” em uma situação sem solução, ou que a vida perdeu todo o sentido. Frequentemente, essas pessoas se percebem como um problema a ser eliminado e podem considerar que o suicídio é a única maneira de encontrar alívio para seu sofrimento e para a angústia que acreditam estar causando a seus entes queridos.

Geralmente, a ideação suicida não aparece sem deixar vestígios. Pessoas que estão em profundo sofrimento emitem sinais, tanto verbais quanto comportamentais, que representam autênticos pedidos de ajuda. Para familiares e amigos próximos, observar essas mudanças pode ser crucial no processo de resgate.

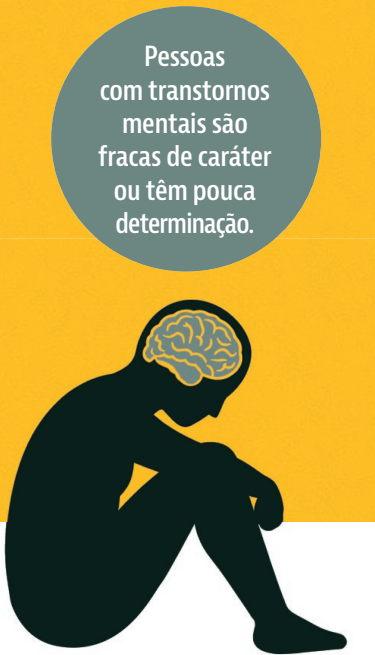
É fundamental ter em mente que a presença de apenas um sinal não indica necessariamente ideação suicida. No entanto, a combinação de diversos sinais ou a intensidade de um em específico deve acender um alerta vermelho. A chave é a observação cuidadosa, combinada com empatia.




Doença mental é
possessão demoníaca.



É impróprio
abordar na igreja o
tema das doenças
mentais.



Pessoas
com transtornos
mentais são
fracas de caráter
ou têm pouca
determinação.



A preguiça e a
falta de serviço
são os principais
problemas de saúde
mental.

Ilustrações generativas. Renan Martin

- 1 **Expressões diretas ou indiretas acerca da morte.** É preciso levar a sério afirmações diretas como “Quero morrer”; “Vou me matar”; “Queria que tudo acabasse”; “Não aguento mais essa dor”; ou indiretas do tipo “Sou um peso para vocês”; “Queria dormir e não acordar mais”; “Vocês ficariam melhor sem mim”, e “Minha vida não tem propósito”.
- 2 **Isolamento e retraimento social.** A pessoa se distancia de amigos, parentes e atividades que costumava apreciar, como hobbies, trabalho ou estudos. Prefere a solidão, evita interações e pode passar longos períodos trancada no quarto ou afastada, mesmo em ambientes familiares.
- 3 **Alterações significativas no comportamento e humor:** Ela pode apresentar: (a) tristeza persistente, um estado de espírito constantemente deprimido, apatia generalizada e perda de prazer em atividades que antes eram prazerosas; (b) irritabilidade aumentada, como surtos de raiva, frustração ou agressividade fora do comum; (c) variações rápidas e extremas de humor; e (d) aparentar estar extremamente agitada, inquieta ou, por outro lado, com movimentos, fala e pensamentos desacelerados.
- 4 **Negligência em relação à aparência e higiene pessoal.** Descuido notável e contínuo com a higiene pessoal, vestimenta ou aparência que não era habitual pode ser sinal de uma intensa falta de energia, desespero e desvalorização pessoal.
- 5 **Perda de interesse e desespero em relação ao futuro.** A pessoa deixa de se interessar por atividades que antes eram significativas, projetos futuros, sonhos e planos. Ela apresenta uma perspectiva negativa em relação ao futuro, sem conseguir encontrar soluções para suas dificuldades ou propósito para continuar.
- 6 **Organização de despedidas ou questões não resolvidas.** O indivíduo começa a entregar objetos de valor ou itens pessoais sem uma razão aparente, redigir cartas de despedida, e-mails ou mensagens para entes queridos, quitar dívidas, elaborar testamento ou organizar documentos como se estivesse se preparando para uma longa viagem.
- 7 **Busca por recursos letais.** Ele pesquisa formas de suicídio on-line, acumula medicamentos ou obtém itens que possam ser utilizados para autolesão. Essa é uma das bandeiras vermelhas mais críticas e requer ação imediata!
- 8 **Mudanças nos padrões de sono e dieta.** Sintomas como insônia grave e duradoura ou, em contrapartida, hipersonia, devem ser monitorados. Alterações drásticas no apetite, acompanhadas de perda ou ganho significativo de peso em um curto período, também.
- 9 **Comportamentos de risco elevado.** Participação em ações perigosas, irresponsáveis ou autodestrutivas, como dirigir em alta velocidade, consumo excessivo de álcool ou drogas, brigas. Essa busca pelo perigo pode ser uma maneira de manifestar a dor ou de se colocar em situações potencialmente mortais sem ter que tomar uma decisão definitiva.
- 10 **Aparência de calma repentina após uma fase de crise.** Após um período de intensa agitação ou tristeza, a pessoa parece subitamente calma. Essa melhora aparente é arriscada, pois pode sinalizar que ela decidiu cometer suicídio e se sente aliviada por ter um “plano”. Trata-se de um momento de alto risco e requer atenção redobrada.



A igreja, enquanto corpo de Cristo, desempenha um papel fundamental na prevenção do suicídio. Devemos criar um espaço de acolhimento, no qual a vulnerabilidade seja aceita e o suporte seja incondicional. Isso abrange a promoção da saúde mental, a desmistificação do sofrimento psicológico e o incentivo à procura de ajuda profissional, como psicólogos e psiquiatras. Ademais, a fé pode ser uma ferramenta poderosa de resiliência, proporcionando sentido, esperança e a convicção de que não estamos sozinhos em nossas batalhas. A garantia de um Deus que Se importa, nos ama incondicionalmente e tem planos de paz para nós traz alívio para a alma ferida.

Pesquisas indicam que nove em cada dez suicídios poderiam ter sido prevenidos com conscientização, medidas de prevenção e orientação sobre como reconhecer e ajudar indivíduos com pensamentos suicidas. O mito de que “falar sobre suicídio incentivaria mais pessoas a cometer o ato” causa um grande dano, resultando na perda desnecessária de muitas vidas.

PRIMEIROS SOCORROS PSICOLÓGICOS

A igreja pode servir como um local para prevenção e suporte emocional. Nesse sentido, os Primeiros Socorros Psicológicos (PSP) são ferramentas fundamentais para a prevenção do suicídio. O PSP, que não é uma terapia formal, é um gesto humanizado de escuta ativa e acolhimento, em total concordância com os princípios bíblicos de amar o próximo. Durante crises emocionais, um ouvido receptivo e um coração livre de julgamentos podem ser o farol que conduz alguém do desespero à esperança.

Os pilares dos PSP podem ser praticados no cotidiano da igreja da seguinte maneira:

1. *Observe atentamente.* Incentive os membros da igreja a ficar atentos a alterações no comportamento de seus irmãos. Isso inclui atitudes de isolamento, alterações de humor, expressões de desesperança, negligência pessoal, e menções indiretas à morte. Promova a cultura de “observar, se importar e cuidar uns dos outros” tanto no aspecto espiritual quanto no emocional.

2. *Ouça de modo empático e sem julgamento.* Quando alguém se abre, ouça com atenção e empatia. Isso implica: (a) disponibilidade: dedique seu tempo e sua atenção de forma integral; (b) validação de sentimentos: use frases como “Compreendo que se sinta assim” ou “Sua dor parece real”. Não minimize a dor nem ofereça soluções prontas; (c) evitar julgamentos do tipo “Você precisa ter mais fé”, “Isso é falta de oração” ou “Você é forte demais para isso”; (d) permitir que a pessoa fale livremente, mesmo que ela chore ou seja repetitiva. Forme grupos de “ouvintes solidários” na igreja, membros prontos para oferecer escuta ativa e capacitados para não julgar, apenas acolher e validar. Isso pode ser realizado por meio de oficinas ou palestras.

3. *Conecte a pessoa ao apoio e encaminhamento adequado.* Após a pessoa se sentir ouvida e compreendida, o passo seguinte é vinculá-la a recursos de apoio: (a) esclareça que especialistas em saúde mental estão preparados para

DEVEMOS CRIAR UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO, NO QUAL A VULNERABILIDADE SEJA ACEITA E O SUPORTE SEJA INCONDICIONAL

oferecer suporte em situações de crise; (b) auxilie a pessoa na pesquisa, agendamento de uma consulta ou até mesmo a acompanhe em um primeiro momento, caso seja adequado e ela aceite; e (c) mantenha sempre o número do Centro de Valorização da Vida (188) ou de outros serviços de emergência em saúde mental acessível. Elabore um mapa com os recursos de saúde mental disponíveis na sua região para a comunidade. Isso pode incluir uma relação de profissionais, clínicas, hospitais e serviços gratuitos ou acessíveis na área. A igreja pode até pensar em fazer parcerias para tornar o acesso mais fácil a esses recursos.

Quando uma pessoa está à beira do desespero e com pensamentos suicidas, a igreja e a família surgem como faróis de esperança, convocadas a se revestirem do amor e da compaixão de Cristo. O apóstolo Paulo afirmou: “Levem as cargas uns dos outros e, assim, estarão cumprindo a lei de Cristo” (Gl 6:2). Esse mandamento divino vai além de uma simples sugestão; trata-se de um convite para que a comunidade de fé e os vínculos familiares se transformem em um refúgio seguro. Isso significa que, em vez de julgar ou nos afastarmos, devemos nos aproximar, oferecendo apoio e um coração disposto a ouvir as angústias de quem sofre, entendendo que, muitas vezes, a dor é um fardo muito pesado para ser carregado sozinho.

Como comunidade de fé, devemos estender a mão àqueles que sofrem em silêncio. Que nossa compaixão seja um reflexo do amor de Cristo, que nossa escuta seja atenta e nossa esperança seja uma luz que dissipa as trevas. Ao falarmos abertamente sobre o suicídio, quebrando o tabu e oferecendo suporte, estamos cumprindo nosso papel de zelar pela vida e testemunhar o poder restaurador do amor divino. ▀


WÉLIDA DANCINI é psicóloga

Emoções restauradas

O PLANO DE DEUS PARA O NOSSO BEM-ESTAR

FERNANDO RIOS

TALVEZ VOCÊ JÁ TENHA SE PERGUNTADO se deveria sentir ou manifestar certas emoções. Será que esses sentimentos são sinais de fraqueza espiritual? Ao examinarmos a Bíblia, vemos que pessoas de fé também expressaram emoções profundas. Davi, considerado um homem segundo o coração de Deus, escreveu salmos cheios de angústia e lamento. Depois de uma grande vitória espiritual, Elias enfrentou um período de profundo desânimo. Jesus também chorou ao se deparar com o túmulo de

Lázaro, expressou indignação no templo e vivenciou uma intensa angústia no Getsêmani. Como demonstra este infográfico, lidar com emoções desafiadoras não significa, necessariamente, falta de fé ou de comprometimento espiritual. Ao contrário, essas emoções podem ser indícios do que se passa dentro de nós e ao nosso redor. 

FERNANDO RIOS é pastor e atua como presidente da Associação Brasil Central, com sede em Goiânia

MITOS E VERDADES



Cristãos maduros não experimentam emoções negativas, como tristeza ou raiva.

Estar ansioso ou triste é sinal de que não se tem fé em Deus.

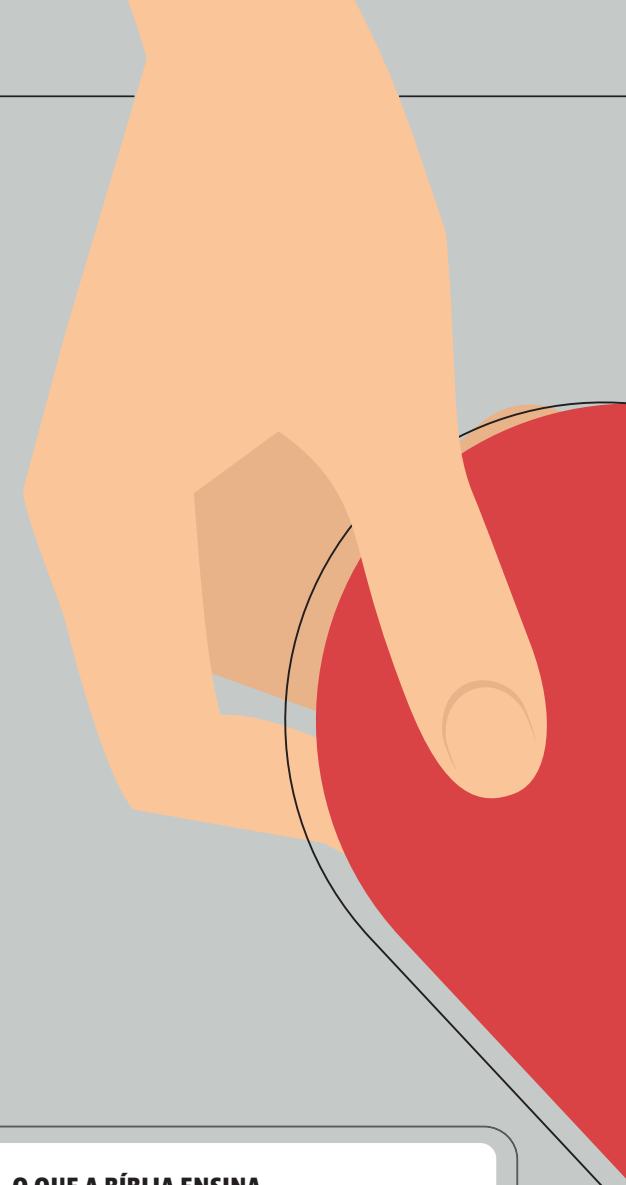
A oração e o estudo da Bíblia são suficientes para solucionar qualquer dificuldade emocional.



A Bíblia apresenta indivíduos de fé demonstrando uma ampla gama de emoções humanas.

Nossas emoções refletem nossa condição em um mundo imperfeito.

Para nossa cura e nosso bem-estar, Deus emprega tanto meios espirituais quanto físicos.



O QUE A BÍBLIA ENSINA

“O mesmo Deus da paz os santifique em tudo. E que o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5:23).

Deus reconhece e valoriza todos os aspectos de nossa humanidade. Fomos criados por Ele com a capacidade de sentir.

“Alegrem-se com os que se alegram e chorem com os que choram” (Rm 12:15).

Esse versículo não apenas reconhece que as emoções fazem parte da nossa experiência, como também nos chama a valorizá-las e a vivê-las em comunhão com os outros.

“Lancem sobre Ele todas as suas ansiedades, porque Ele cuida de vocês” (1Pe 5:7).

Pedro não critica quem sofre de ansiedade, mas aponta a solução: entregá-la ao Senhor e confiar no Seu cuidado constante.

AUTOANÁLISE

Como anda sua saúde emocional?

- 1 Sou capaz de identificar e nomear minhas emoções?
- 2 Tenho pessoas de confiança com quem posso compartilhar minhas lutas emocionais?
- 3 Minhas emoções e espiritualidade estão integradas ou costumo separar esses aspectos?
- 4 Consigo descansar adequadamente sem sentir culpa?
- 5 Encaro minhas emoções como mensageiros a serem ouvidos ou inimigos a serem combatidos?

SINAIS DE ALERTA

- Mudanças persistentes no sono ou no apetite.
- Sentimentos de tristeza ou ansiedade que duram mais de duas semanas.
- Pensamentos recorrentes de desesperança ou sobre a morte.
- Dificuldade para realizar tarefas cotidianas devido ao estado emocional.
- Isolamento social crescente.
- Uso de substâncias para lidar com emoções difíceis.



LEMBRE-SE

Muitas vezes, Deus age por meio de profissionais dedicados para promover cura e restauração. Unir recursos espirituais e apoio profissional reflete uma abordagem integral que honra nossa identidade como seres criados à imagem de Deus.

CINCO HÁBITOS PARA DESENVOLVER A SAÚDE EMOCIONAL

- 1 **Descansar.** "Venham a Mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e Eu os aliviarei" (Mt 11:28). Reserve tempo para descansar o corpo e a mente. O sábado é um lembrete semanal da importância do descanso no plano divino.
- 2 **Frequentar a igreja.** "Levem as cargas uns dos outros e, assim, estarão cumprindo a lei de Cristo" (Gl 6:2). Conecte-se regularmente com pessoas que o apoiam e compreendem. Compartilhe seus fardos e esteja disponível para ouvir os outros.
- 3 **Renovar a mente.** "E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente" (Rm 12:2). Esteja atento aos seus pensamentos. Substitua distorções negativas por verdades bíblicas sobre quem você é em Cristo.
- 4 **Demonstrar gratidão.** "Em tudo, deem graças, porque esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus" (1Ts 5:18). Cultivar a gratidão transforma nossa visão de mundo e desperta no cérebro sensações de bem-estar.
- 5 **Ser honesto com Deus.** "Derrame diante Dele o seu coração" (Sl 62:8). Seja autêntico em suas orações. Deus já conhece suas lutas e não se afasta quando você expressa dúvidas ou dores.

QUANDO BUSCAR AJUDA PROFISSIONAL

Buscar a ajuda de um especialista em saúde mental não é sinal de falta de fé, mas uma atitude de sabedoria e cuidado com o templo do Espírito Santo, que é o seu corpo. Procure um profissional qualificado se você:

- Enfrenta sofrimento emocional intenso que prejudica sua rotina diária;
- Percebe mudanças significativas no sono, apetite ou nível de energia;
- Lida com pensamentos persistentes de desesperança ou morte;
- Recorre a substâncias ou comportamentos prejudiciais para lidar com as emoções;
- Sente que suas emoções estão fora de controle.

ESPIRITUALIDADE E SAÚDE

O VEGETARIANISMO NOS ESCRITOS
E NA EXPERIÊNCIA DE ELLEN WHITE

ALBERTO TASSO BARROS





tema da mensagem de saúde é um dos assuntos mais controvertidos na Igreja Adventista. Mesmo em uma análise superficial, prontamente se percebe dois grupos: extremistas que vivem como se a reforma de saúde fosse o aspecto mais importante da experiência cristã, e um grupo maior que considera esse importante ponto da mensagem adventista apenas um anexo sem importância para a vida do cristão.

Nesse conflito, o vegetarianismo está entre os temas mais discutidos. Encontrar a melhor maneira de abordar o assunto não é tarefa simples, especialmente pelas diferenças culturais, sociais e econômicas que existem no mundo. Ellen White foi a principal voz no adventismo sobre a mensagem de saúde, e seus livros contribuíram significativamente para moldar o estilo de vida adventista. Portanto, compreender e interpretar corretamente o que ela escreveu é o caminho mais coerente e seguro.

ADVENTISMO E REFORMA DE SAÚDE

O movimento da mensagem de saúde adventista ocorreu no contexto da grande corrente americana de reformas sanitárias entre os anos 1800 e 1850. Essas reformas criaram as condições necessárias para a compreensão adventista da saúde, conferindo-lhe alto grau de relevância nos primeiros anos da denominação. Em 1848, quatro anos após sua primeira visão, Ellen White recebeu as primeiras informações sobre a mensagem de saúde. Ela viu que tabaco, chá e café eram prejudiciais e deveriam ser completamente abandonados (James White, “Western tour: Kansas camp meeting”, *Review and Herald*, 8/11/1870, p. 165).

No entanto, sua mais importante visão sobre saúde ocorreu em 6 de junho de 1863, em Otsego, Michigan. Seu conteúdo foi relatado em 16 páginas que descrevem a essência da mensagem adventista de saúde. Entre os muitos princípios apresentados, os mais importantes foram: (1) os que não controlam o apetite tornam-se intemperantes; (2) bolos, tortas e pudins muito substanciosos são prejudiciais; (3) a carne de porco não deve ser consumida em nenhuma circunstância; (4) fumo, chá e café devem ser abandonados; (5) comer entre as refeições prejudica o estômago; (6) cuidar da higiene do corpo e da casa; (7) o consumo de carne é prejudicial ao organismo; e (8) fazer bom uso dos oito remédios da natureza (Herbert Douglass, *Mensagem do Senhor* [CPB, 2003], p. 283, 284).

Apesar das orientações de Ellen White não serem uma completa novidade no contexto das reformas do século 19, a relação da saúde com a espiritualidade constitui o grande diferencial de seus ensinamentos. A mensagem de saúde estava inserida em um sistema de doutrinas chamado de “a verdade presente” pelos pioneiros adventistas. Em 1900, a autora escreveu: “A verdade presente repousa na obra da reforma de saúde tanto quanto nos outros aspectos do evangelho” (*Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 6, p. 260, 261).

Esse conceito integrado foi fundamental para formar o estilo de vida adventista. Por isso é importante estabelecer uma conexão entre a mensagem de saúde e a espiritualidade. Uma das citações de maior destaque que evidencia essa ligação foi publicada em 1867: “Foi-me mostrado que a reforma de saúde faz parte da mensagem do terceiro anjo e está tão intimamente ligada a ela como o braço e a mão estão ligados ao corpo” (*Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 1, p. 486).

O VEGETARIANISMO NOS ESCRITOS DE ELLEN WHITE

O contexto apresentado quanto à reforma de saúde serve como base para compreender a posição de Ellen White sobre o uso da carne. Ela nunca tratou desse assunto de forma isolada, ainda que seus pontos de vista a respeito de uma dieta vegetariana sejam vastos. Em seus escritos, o controle do apetite, inclusive a questão de comer carne, está relacionado ao princípio central de “conservar [nosso] corpo na melhor condição de saúde” (*Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 2, p. 57).

O tema da carne foi apresentado pela primeira vez à autora na visão de 1863. Os principais conceitos relacionados ao alimento cárneo também foram recebidos nessa ocasião. A carne de porco foi condenada como imprópria para o consumo. Além disso, a visão orientou para a abstinência de outros tipos de carne, dando preferência ao vegetarianismo. É importante esclarecer que o sentido da palavra “carne” usada por Ellen White quase sempre se refere à carne vermelha, uma vez que os peixes são tratados como um tema à parte.

No ano seguinte, com a publicação do quarto volume de *Spiritual Gifts*, a autora passou a insistir na adoção de uma dieta sem carne. Ela declarou que: (1) o alimento ideal de Deus para Suas criaturas está no Éden; (2) o Senhor permitiu que se comesse carne após o dilúvio para diminuir a vida do homem; (3) na peregrinação do deserto, Ele não proibiu a carne, mas proveu um alimento melhor; (4) a carne condimentada produz um estado febril e contamina o sangue; (5) quem consome muita carne não apreciará uma alimentação saudável de imediato; (6) crianças que comem carne favorecem as tendências animais; e (7) a carne de muitos animais está enferma devido às condições precárias em que eles são mantidos antes de serem abatidos (*Spiritual Gifts* [Seventh-day Adventist Publishing Association, 1864], v. 4, p. 120-150).

Anos mais tarde, Ellen White continuou a escrever sobre os malefícios do regime cárneo, e apontou que ele: (1) afeta a atividade intelectual

(1890); (2) prejudica a capacidade mental para entender a Deus e a verdade (1897); (3) debilita as faculdades físicas, mentais e morais (1901); (4) desperta o desejo de consumir bebidas alcoólicas (1901); e (5) aumenta a possibilidade de contrair enfermidades (1905) (ver *Conselhos Sobre o Regime Alimentar* [CPB, 2023], p. 177, 178, 248, 249, 252, 253; *A Ciência do Bom Viver* [CPB, 2021], p. 193).

Em um dos seus mais importantes livros sobre saúde, ela também alertou sobre outro aspecto que raras vezes é mencionado. “Pensemos na crueldade que o regime cárneo envolve para com os animais [...] criaturas de Deus” e, também por isso, seu consumo é objetável (*A Ciência do Bom Viver*, p. 194).

Ao longo de seu ministério, as advertências de Ellen White sobre a carne se tornaram mais enfáticas. Ela reconheceu que a qualidade da carne estava cada vez pior. Em 1905, escreveu que “a carne nunca foi o melhor alimento; seu uso agora é, todavia duplamente questionável, visto que as doenças nos animais estão crescendo com tanta rapidez” (ibid., p. 193).

No entanto, por mais que Ellen White advogasse fortemente em favor da dieta vegetariana, ela não insistia nisso para todas as pessoas em todos os lugares. É importante admitir que havia exceções que ela mesma experimentou em sua vida pessoal. No fim de 1868, a autora escreveu ao esposo de uma senhora muito doente que teria sido melhor comer uma pequena porção de carne que sentir um profundo desejo por ela (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 317). Ela também recomendou cautela quanto ao deixar a carne: “Ninguém deve ser solicitado a fazer abruptamente a mudança” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 195). Para Ellen White, o vegetarianismo jamais seria uma prova de comunhão entre os membros da igreja.

Próximo do fim de sua vida, em 1909, a escritora registrou o que pode ser entendido como o resumo de sua ideia em relação ao consumo de carne: “Não estabelecemos regra alguma para ser seguida no regime alimentar, mas dizemos que nos países onde são comuns as frutas, cereais e nozes, os alimentos cárneos não constituem alimentação própria para o povo de Deus” (*Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 9, p. 123). Assim, por mais que não exista uma regra fixa quanto a uma dieta particular, está claro que onde e quando for possível, o povo de Deus deve preferir comer “frutas, cereais e verduras, preparados de maneira simples” (*Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 231).

**ONDE E QUANDO FOR POSSÍVEL,
O POVO DE DEUS DEVE PREFERIR
COMER FRUTAS, CEREAIS E VERDURAS,
PREPARADOS DE MANEIRA SIMPLES**

A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE ELLEN WHITE

Alguns criticam Ellen White por não ter vivido a mensagem de saúde como ela mesma propôs em seus escritos quanto ao comer carne. No entanto, um estudo cuidadoso de sua biografia aponta que a autora foi coerente quanto às instruções que recebeu. Ela afirmou que, depois da visão de 1863, eliminou de imediato a carne de seu menu diário, mas isso não significaria que ela não comeria mais carne (*Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 319). Em 1933, William White escreveu a George Starr que a família White havia sido vegetariana, mas não totalmente abstinência de carne (Herbert Douglass, *Mensageira do Senhor*, p. 316). Apesar de seu vegetarianismo, o consumo esporádico de carne podia acontecer devido a uma viagem longa ou quando a cozinheira não sabia preparar comida vegetariana (Sylvia Fagal e Roger Coon, “Vegetarianismo”, em *Enciclopédia Ellen G. White* [CPB, 2018], p. 1353).

Foi somente em 1894 que Ellen G. White decidiu que não comeria mais carne, nem mesmo ocasionalmente. Ela relatou: “Desde a reunião campal de Brighton (janeiro de 1894) eliminei completamente a carne das minhas refeições” (*Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 323). A autora sempre demonstrou bom senso quanto ao consumo de alimento cárneo e foi tolerante a seu uso ocasional até quando entendeu que comê-lo seria demasiado prejudicial. Foi a partir desse período que suas advertências mais sérias contra a carne foram escritas.

Em resumo, pode-se afirmar que os escritos de Ellen White nos ensinam que a carne deve ser evitada nos lugares em que há abundância de frutas, cereais e verduras. No entanto, é preciso cautela, pois não se pode descartar o alimento cárneo abruptamente, sem prover adequada substituição nutricional. A carne não é um alimento saudável e pode trazer prejuízos em nossa relação espiritual com Deus.

Ellen White foi fiel a esses princípios e sempre advogou bom senso e cuidado com extremismos. Em 1904, ela afirmou: “Hoje, aos 76 anos de idade, desfruto de uma saúde melhor do que quando era jovem. Dou graças a Deus pelos princípios da reforma de saúde” (ibid., p. 319). ■

ALBERTO TASSO BARROS é professor da Faculdade de Teologia do Unasp

Volta ao mundo

UM MOVIMENTO DE SAÚDE E SUPERAÇÃO

DÉBORA FERREIRA DE SOUZA

COM O OBJETIVO DE ESTIMULAR A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS físicos e promover hábitos saudáveis, a Igreja do Colégio Adventista de Tatuí (SP) lançou um desafio inusitado para seus membros e para a comunidade: “Volta ao Mundo em Passos”. A iniciativa surgiu da dificuldade que muitos têm de se reunir em horários fixos para se exercitar. Por isso, foi idealizada uma proposta prática, acessível e motivadora: cada participante foi desafiado a caminhar ou correr, no mínimo, 60 km ao longo de 30 dias, podendo realizar as atividades nos horários e locais de sua preferência. A única regra era registrar a quilometragem diária no grupo de WhatsApp criado especialmente para o programa.

O sucesso foi imediato. Já no primeiro dia, dezenas de pessoas aceitaram o convite e, ao final da primeira semana, o grupo foi fechado com 45 participantes – homens e mulheres de diferentes idades, todos unidos pelo mesmo propósito: movimentar-se, cuidar do corpo e da mente, e buscar mais qualidade de vida.

Ao longo do mês, os relatos e resultados foram inspiradores. Houve quem percorresse longas distâncias, como 170 km em menos de 30 dias, mas o mais marcante foi ver pessoas que não tinham o hábito de praticar exercícios físicos se superando dia após dia. Aos poucos, a resistência aumentava, e, com ela, cresciam também a autoestima, o bem-estar e a disposição.

Nayelly Ducati, uma das participantes, contou: “Estou extremamente feliz, pois nunca tinha corrido nem 2 km, seja na rua ou na esteira, e já me superei em vários momentos desde que comecei. Acredito que muitos aqui já têm o hábito de correr, mas o fato de poder escolher entre a rua e a esteira me ajudou muito. Eu não estava acostumada a praticar exercícios, mas agora não quero mais parar.”

Outro depoimento marcante foi o de Felipe Ferreira da Silva, que começou sem grandes expectativas e terminou como um dos destaques: “Entre no grupo assim que a iniciativa foi divulgada na igreja, mas sem muita empolgação. Tanto que só comecei a caminhar na metade do mês. No início fiz 3 km, depois 5 km, e pensava: ‘Nem vou postar. Com todo mundo fazendo mais de 5 km,



vou passar vergonha.’ Mas continuei e cheguei a fazer 10 km por dia. Em uma ocasião, bati meu recorde: percorri 16 km e senti que meu tênis estava no limite. Estou sentindo diferença na saúde e até nas roupas. Mesmo começando tarde e sem grandes metas, ultrapassei os 60 km, e só depois descobri que ainda tinha premiação. Fiz tudo caminhando. Queria correr, mas ainda não estou preparado. Se Deus permitir, chego lá.”

O desafio respeitou o ritmo de cada pessoa. O foco nunca foi a competição, mas o incentivo ao hábito saudável de caminhar, correr e se movimentar. O grupo se tornou um ambiente acolhedor e motivador. Ver os relatos e as postagens diárias gerava ânimo, mesmo nos dias mais difíceis. Alguns começaram devagar, outros se animaram apenas nos últimos dias, mas todos foram encorajados a seguir até o fim.

Mais do que uma simples contagem de quilômetros, o desafio despertou um estilo de vida mais ativo, transformou rotinas e plantou sementes de cuidado com a saúde física, mental e espiritual. Para muitos, foi o primeiro passo de uma jornada sem volta. Afinal, os benefícios da caminhada vão além do corpo: influenciam o humor, aumentam a disposição e motivam a adoção de outros hábitos saudáveis.

Embora o desafio tenha terminado, o compromisso com uma vida mais saudável e ativa segue firme. Que venham os próximos passos! 🏃

DÉBORA FERREIRA DE SOUZA é professora e lidera o Ministério da Saúde na igreja local

O FOCO
NUNCA FOI A
COMPETIÇÃO, MAS
O INCENTIVO AO
HÁBITO SAUDÁVEL
DE CAMINHAR,
CORRER E SE
MOVIMENTAR

MARCAS DA PÓS-MODERNIDADE

AS INFLUÊNCIAS ATUAIS QUE
TÊM MOLDADO A JUVENTUDE

RAFAEL STEHLING



Vez ou outra, ouvimos alguém dizer: “Esta geração é muito mimimi, não quer saber de compromisso. Os jovens estão saindo da igreja!” O que tem formado os adolescentes e jovens de hoje? Quais influências estão por trás dos comportamentos e valores desta geração?

A juventude tem sido impactada por diferentes influências. Para facilitar a compreensão do tema, destaco quatro delas: a mentalidade do *fast-food*, o capital da influência, o consumo colaborativo e o poder das telas.

MENTALIDADE DO FAST-FOOD

O que comemos e bebemos influencia diretamente quem somos. Nunca houve uma geração tão mal alimentada e dependente de produtos artificiais como a atual. No passado, os desafios eram outros. O acesso a uma variedade de frutas, verduras e legumes era mais difícil. Com o tempo, os mercados trouxeram variedade. Porém, junto dela vieram os salgadinhos, os biscoitos cheios de gordura e açúcar, as bebidas coloridas e gaseificadas, os energéticos, o macarrão instantâneo no almoço e creme de avelã no jantar. Diante disso, quais expectativas podemos ter de uma geração que está sendo construída com esses “ingredientes”?

É claro que existem casos que exigem adaptações. Há uma diferença entre o ideal e o real. Há quem abra exceções e quem transforme o *fast-food* em rotina. No entanto, os extremos sempre são perigosos, e por isso precisamos buscar o equilíbrio.

Também é importante lembrar que cada pessoa enfrenta suas próprias batalhas na busca por uma vida saudável. Devemos respeitar as diferenças individuais e reconhecer que vivemos em um mundo diferente do passado. A comida caseira feita pela mãe, o arroz e o feijão preparados na hora e a verdura tirada diretamente da horta tornaram-se raridades na correria do mundo pós-moderno.

É importante observar que a cultura do *fast-food* vai além da alimentação; ela representa o estilo de vida de uma sociedade que valoriza a rapidez e a conveniência em detrimento da qualidade e da profundidade (Eric Schlosser, *Fast Food Nation* [Houghton Mifflin, 2001]).

Aos poucos, temos visto crescer uma geração apressada e imediatista, que não tem paciência

para cozinhar, esperar o fermento agir ou assar o alimento. Pedir comida por um aplicativo é muito mais rápido. Porém, essa pressa afeta outras áreas da vida, que exigem tempo, espera e paciência para se desenvolverem.

A cultura do *fast-food* impacta nossa saúde não apenas pelo que comemos, mas também por transformar nossa percepção do tempo. A busca incessante por conveniência e rapidez acaba comprometendo a qualidade de vida e enfraquecendo nossas relações pessoais.

Há satisfação em preparar algo para comer. Fazer uma refeição é um exercício valioso para fortalecer a dinâmica familiar, promover a realização pessoal e cultivar a paciência.

O CAPITAL DA INFLUÊNCIA

Quem são as referências desta geração? Uma marca da pós-modernidade é a desconfiança em relação às autoridades tradicionais. Desse modo, quem exerce influência sobre os jovens? Seriam os políticos? Os militares? Os líderes religiosos? Ou, talvez, os artistas?

De fato, não há uma única influência dominante. Alguns admiram certas figuras públicas; outros, referências completamente diferentes. Além dessa crise de bons modelos, as redes sociais, como o YouTube e o TikTok, deram voz e visibilidade a muitos que não têm conteúdo nem preparo para serem exemplos dignos de seguir.

No meio dessa confusão de referências, muitos jovens escolhem seguir este ou aquele indivíduo simplesmente por identificação ou por perceberem nele uma aparente autenticidade. Assim, passam a acreditar em suas ideias, muitas vezes ignorando até mesmo a razão.

Os influenciadores digitais desempenham um papel crucial na formação das opiniões e dos comportamentos das novas gerações (Crystal Abidin, *Internet Celebrity* [Emerald Publishing Limited, 2018]). Eles representam um novo tipo de liderança e autoridade, fundamentado no quanto são populares e em seu alcance na internet, muitas vezes exercendo mais influência do que professores, pastores ou líderes comunitários.

Alguns *influencers* chegam a lançar desafios que colocam vidas em risco apenas para ganharem curtidas. Muitos também publicam vídeos

editados que fazem seus seguidores acreditarem que suas ações não têm consequências. Não é por acaso que frequentemente vemos notícias de adolescentes se envolvendo em ações perigosas, insensatas e extremas.

Também observamos que essa cultura ensina a buscar validação e sucesso nas redes sociais, moldando aspirações e comportamentos. O cuidado excessivo com a imagem pessoal, a pressão por curtidas e seguidores e os efeitos psicológicos de viver em um mundo em que a popularidade on-line parece valer mais que a vida real cobram um alto preço.

Diante desses excessos, não surpreende que muitos adolescentes e jovens, mesmo dentro da igreja, não se intimidem ao contestar o pastor, o ancião ou a liderança.

Por outro lado, há um aspecto positivo nisso. Esta geração valoriza a autenticidade. Portanto, um líder verdadeiro, que se relaciona com franqueza e não usa sua posição para tirar vantagem, conquistará o coração dos jovens. Deixemos que sejam questionadores! Quem tem a verdade ao seu lado e busca viver de forma autêntica será uma referência positiva.

CONSUMO COLABORATIVO

Se antes o brinquedo era consertado e passado para o irmão mais novo, hoje a novidade é alugar brinquedos mensalmente para evitar o tédio.

É claro que a locação permite o acesso a diversos produtos por uma fração do valor de compra, oferecendo um bom custo-benefício. Além disso, ao optar pela locação, o mesmo brinquedo pode ser utilizado por várias famílias, gerando menos lixo e promovendo a sustentabilidade.

No entanto, será que no passado não havia benefícios na espera pelo presente especial que chegava só em determinada data comemorativa? Será que o cuidado com o brinquedo não ensinava valores importantes?

Um cenário de fartura não gera necessariamente segurança. Esta geração tem se acostumado ao crescente número de opções de “empréstimo” de bens, e isso também se reflete em seus relacionamentos e na forma como lidam com as pessoas. Não é por acaso o crescente desprezo pela família tradicional. A cada dia, observamos o aumento da banalização do casamento monogâmico e dos valores que antes eram considerados imutáveis.

Impaciência, tédio e ansiedade fazem parte do mundo atual. Assim como se troca um brinquedo ou um jogo, não é difícil encontrar jovens que desistem de lutar pelo casamento, que se entendiam na faculdade ou que ficam ansiosos para trocar de emprego.

O acesso rápido e fácil a tantas opções também trouxe dificuldades para lidar com o “não”. A variedade de prazeres disponíveis com um simples clique tem feito até mesmo as buscas por relacionamentos românticos diminuir, dando origem a comportamentos como a agamia, uma nova forma de relacionamento caracterizada pelo desejo de não ter parceiros fixos nem filhos.

Em realidade, a cultura do compartilhamento reflete uma mudança na forma como os jovens percebem a posse e o valor das coisas (Rachel Botsman e Roo Rogers, *What's Mine Is Yours* [HarperCollins, 2010]). A preferência pelo uso temporário em vez da propriedade permanente revela uma atitude mais flexível e menos apegada aos bens materiais, algo que pode se estender também a outras áreas da vida. Embora essa tendência apresente vantagens, ela também pode trazer desvantagens, ao romper os limites dos hábitos de consumo e moldar a percepção dos relacionamentos e das crenças.

PODER DAS TELAS

Dedinhos inquietos deslizam pela tela, descartando conteúdo com a facilidade de um toque. Não há critério, parâmetro ou tempo para avaliar o que se vê. Apressados, aceleram o áudio, sem espaço para a reflexão. Abrem um aplicativo e, em poucos segundos, transitam de um conteúdo espiritual para uma piada, de uma reflexão filosófica para uma receita, de animais engraçados para uma nova tendência. Tudo ao mesmo tempo: rápido, fragmentado e superficial.

As consequências para esta geração, que cresce acostumada à rolagem incessante das telas, incluem a dificuldade de prestar atenção em discursos longos e pausados sobre um único tema, além da dificuldade de realizar análises profundas.

Dia a dia, presenciamos conversas cada vez mais rasas, juízos apressados e conclusões precipitadas entre os mais jovens. Soma-se a isso a dificuldade em desenvolver um raciocínio lógico e bem estruturado, uma consequência da quantidade de informações fragmentadas e consumidas sem reflexão.

A rolagem infinita nas telas tem moldado a forma como os jovens consomem conteúdo e se relacionam com o mundo (Nicholas Carr, *The Shallows* [W. W. Norton & Company, 2011]). Esse hábito pode gerar uma atenção fragmentada e superficial, comprometendo a capacidade de concentração e de reflexão profunda.

OLHAR DE ESPERANÇA

Vivemos tempos de grandes transformações. Se antes as possibilidades profissionais pareciam

É MOTIVADOR
VER MENINOS E
MENINAS QUE,
MESMO IMERSOS
EM UMA CULTURA
TÃO DIVERSA, VELOZ
E DESAFIADORA,
CONTINUAM
ENCONTRANDO
BELEZA E SENTIDO
NO EVANGELHO
ETERNO

se concentrar em áreas tradicionais como o magistério, o direito, a medicina ou a engenharia, hoje somos convidados a contemplar um horizonte mais amplo e diverso. Caminhos como o empreendedorismo, a atuação nas redes sociais e a criação de conteúdo digital têm se apresentado como opção vocacional para muitos jovens.

Ao olharmos para essas mudanças, é importante também reconhecer os avanços na tecnologia e refletir sobre como esses recursos influenciam a formação das novas gerações. Ainda que não tenhamos todas as respostas, especialmente quanto aos efeitos de dispositivos móveis ou da exposição constante a estímulos digitais, é possível cultivar uma postura prudente, guiada pelo discernimento e pelo cuidado com o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

No campo das escolhas cotidianas, a abundância também é uma marca dos nossos dias. A variedade é tamanha que, com apenas alguns toques em um aparelho, um jovem pode acessar diferentes paisagens do mundo ou explorar múltiplas formas de entretenimento, cada uma com seus próprios protagonistas, referências e valores.

Diante da pergunta que às vezes ouvimos: “Por que tantos jovens estão deixando a igreja?”, talvez devêssemos nos permitir outra reflexão: como é maravilhoso ainda termos tantos jovens entre nós! Vemos meninos e meninas que, mesmo imersos em uma cultura tão diversa, veloz e desafiadora, continuam encontrando beleza e sentido no evangelho eterno.

A igreja e sua liderança são chamadas a serem mais do que guardiãs da doutrina: devem ser um refúgio seguro, uma casa onde o amor abre portas e a escuta gera pontes. É preciso aproximar-se com carinho, aconselhar com ternura, amar sem exigir perfeição e, sobretudo, acreditar que Deus continua agindo na vida de cada jovem, mesmo quando os passos parecem incertos.

Para aqueles que, por vezes, confundem aceitação com concordância, vale lembrar uma sábia orientação de Ellen White: “Os que esperam ter sucesso na educação dos jovens devem aceitá-los como são, não como deviam ser nem como serão quando saírem de sob sua instrução” (*Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 4, p. 364). É nesse espírito de acolhimento que floresce a verdadeira transformação, guiada pelo Espírito e sustentada pela graça.

Ainda que o desafio de conduzir esta geração ao caminho da salvação e do serviço pareça grande, especialmente em um tempo marcado por valores confusos e distantes do ideal divino, há uma esperança que jamais falha. Não estamos sozinhos nessa missão. Como afirmou Ellen White: “O que se deve fazer para salvar nossos jovens? Nós podemos fazer pouco, mas Deus vive e reina, e Ele pode fazer muito. Os jovens são nossa esperança para a obra missionária” (*Fundamentos da Educação Cristã* [CPB, 2025], p. 252). O poder de Deus continua atuante, e é Ele quem transforma corações, sustenta decisões e acende vocações no meio da juventude.

Que as novas gerações encontrem no lar e na igreja homens e mulheres de oração: pessoas comprometidas com Deus, dispostas a caminhar ao lado da juventude com sabedoria, paciência e amor. Em tempos de incertezas, torna-se essencial que a comunidade de fé seja um espaço seguro e acolhedor, onde os jovens se sintam acompanhados, valorizados e inspirados a crescer espiritualmente. Quando líderes e famílias se colocam como parceiros na caminhada espiritual, a influência do Céu se torna visível, e os corações jovens se abrem para ouvir a voz de Deus e responder ao Seu chamado com coragem e alegria. 🚩

RAFAEL STEHLING é líder de Jovens e Universitários na Associação Rio de Janeiro

SIM À VIDA!

UMA SURPREENDENTE HISTÓRIA DE LIVRAMENTO

SUELI FERREIRA DE OLIVEIRA



O SOM VINHA DE ALGUM LUGAR DO VILAREJO HEBREU, QUASE COMO um sussurro. Uma pessoa mais desatenta talvez dissesse que não ouvira nada. Mas era um bebê. Ele não sabia que, para sobreviver, precisaria nascer praticamente em silêncio.

Uma das mulheres – Puá, seu nome – segurava firmemente a mão da jovem e exausta mãe. Sifrá, a outra mulher, entre panos limpos e água morna, levantou a cabeça e disse:

– É um menino!

As parteiras, a mãe, o pai... todos sabiam o que aquilo significava. Faraó tinha sido muito claro: nenhum bebê hebreu do sexo masculino deveria permanecer vivo. Sifrá e Puá haviam sido devidamente orientadas quanto a isso, mas sabiam que aquele bebê indefeso também era filho do Deus Altíssimo. Então, ele viveria!

As mulheres ensinaram a mãe a manter o bebê limpo e bem alimentado. E, antes de partirem, recomendaram:

– Não se esqueça: procure esconder seu lindo primogênito o máximo que puder! Depois, Deus lhe mostrará o que fazer.

Em seguida, as duas saíram pelas ruas cochichando entre si. Elas corriam um grande risco. Sabiam que, se fossem descobertas desobedecendo à ordem do faraó, poderiam ser executadas. Mas também tinham certeza de que preferiam desobedecer ao faraó do que desobedecer ao próprio Criador.

Passaram apressadas por outra casa.

– Ali também há um bebê que nasceu há poucos dias. É o terceiro filho da família.

– Sim. Quando ele nasceu, sua mãe, Joquebede, já tinha dois filhos: Miriã e Arão.

– Deus proteja essa criança – sussurrou Sifrá para Puá, enquanto ambas se afastavam dali, ansiosas por chegar em casa e descansar. Na casa mencionada por elas, algo inusitado acontecia.

– O que é isso, mamãe?

– É betume, Miriã. Logo você entenderá o que vou fazer com ele.

Não demorou para que ela percebesse um cesto de junco sendo cuidadosamente revestido. Enquanto espalhava o betume, Joquebede recordava cada instante do dia em que aquele garotinho nascera. Ela havia sentido uma alegria imensa e, ao mesmo tempo, um medo profundo. Não queria perder seu lindo filho. Por isso, decidiu escondê-lo.

Quando o bebê ameaçava chorar, suas necessidades eram rapidamente atendidas, ou o som era abafado pelas vozes da família. Ao receberem visita, redobravam os cuidados para que ele não fosse descoberto por alguém que pudesse denunciá-lo ou lhe fazer mal.

Contudo, a criança estava crescendo, e Joquebede sabia que não conseguiria escondê-la por muito mais tempo. Por isso, agora estava ali, passando betume e piche para selar cada fresta daquele cesto.

Assim que o betume secou, a mãe acomodou vários panos limpos dentro do cesto, deixando-o bem macio. Enquanto fazia isso, orava. E, enquanto orava, não conseguia conter as lágrimas. Afinal, será que seu bebê sobreviveria?

Sem chamar atenção de ninguém, mãe e filha colocaram o cesto entre os juncos, à margem do rio. Miriã ficou vigiando, atenta, esperando o que pudesse acontecer em seguida. De repente, conversas, risos... A filha do faraó estava vindo naquela direção, acompanhada de suas servas.

A princesa avistou algo entre os juncos e mandou que trouxessem. Era um cesto. Pensou que talvez fosse um presente dos deuses. Ordenou que o abrissem.


– Oh, é um bebê! Tão fofo... E que choro forte, hein? Deve estar com fome.

Do meio dos juncos, saiu uma menina tímida, que se aproximou vagarosamente da princesa.

– Eu conheço uma mulher que pode cuidar dele para a senhora. O nome dela é Joquebede. Quer que eu vá buscá-la? A princesa sorriu:

– Sim, quero!

Em seguida, a egípcia olhou para o pequeno bebê em seus braços. Moisés era lindo!

Mesmo quando tudo parecia perdido, Deus estava cuidando dos detalhes. Agora, aquele bebezinho estava a salvo, livre da morte. No futuro, por ordem de Deus, ele também libertaria todo aquele povo da escravidão no Egito. 

SUELI FERREIRA DE OLIVEIRA é coordenadora de livros infantojuvenis na CPB



Batismo pelos mortos

O QUE O APÓSTOLO PAULO QUIS DIZER EM 1 CORÍNTIOS 15:29?

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ

INTERPRETAR ESSE TEXTO É COMPLICADO POR UMA SÉRIE DE razões. Em primeiro lugar, o texto é bastante sucinto, e Paulo não o desenvolve em detalhes. Além disso não há outra menção a essa prática no restante do Novo Testamento. Finalmente, o versículo parece incompatível com o que o apóstolo afirmou sobre o batismo em outro trecho.

Como resultado, há várias interpretações contraditórias entre os exegetas bíblicos. Um comentarista lista aproximadamente 40 explicações possíveis. Essa diversidade torna difícil fornecer uma resposta que seja definitiva ou conclusiva. Tudo o que Paulo disse tinha valor específico apenas para os coríntios.

Contudo, deixe-me abordar duas interpretações que parecem ser as mais promissoras. Antes de tudo, o estudo do contexto deve ser sempre o primeiro passo. Em 1 Coríntios 15, Paulo considerou a realidade da ressurreição de Cristo para reforçar o ensinamento cristão acerca da ressurreição dos mortos. Os versos próximos tratam das consequências de rejeitar a ressurreição.

Por exemplo, Paulo afirmou que, se não existe ressurreição dos mortos, é insensatez arriscar a vida para pregar o evangelho (v. 30). Se não há ressurreição, devemos apenas aproveitar o momento: “comamos e bebamos” (v. 32). Se a ressurreição não existe, “que farão os que se batizam pelos mortos?” (v. 29, ARC). As demais consequências são relativamente fáceis de entender, porém a última, não.

Batismo vicário. Uma das interpretações mais frequentes é a de que Paulo mencionou o batismo vicário, ou seja, o ato de alguém ser batizado em nome de uma pessoa que

morreu antes de ser batizada com o objetivo de garantir a salvação do falecido. Segundo essa interpretação, Paulo não estaria apoiando nem condenando a prática. Ele a utilizou apenas para evidenciar a incoerência daqueles que negam a ressurreição dos mortos, mas ao mesmo tempo, permitem-se ser batizados ou permitem que outros sejam batizados em nome dos mortos.

Embora esse ponto de vista pareça lógico, ele está longe de ser incontestável. Em primeiro lugar, não há provas de que o batismo vicário tenha sido praticado durante o período apostólico. No entanto, sabemos que ele se tornou comum entre certos grupos de cristãos heréticos nos séculos seguintes, possivelmente influenciados pela interpretação desse texto em particular. Em segundo lugar, sugere que o batismo é um requisito essencial para a salvação, conceito que não parece estar presente na teologia do batismo de Paulo. Em terceiro lugar, considerando que o batismo exige um ato de fé e o falecido não é capaz de realizá-lo, é improvável que o apóstolo tenha desculpado ou ignorado essa prática supersticiosa. Esses argumentos se fundamentam tanto em dados históricos quanto em uma compreensão da teologia paulina que parece descartar essa interpretação específica.

Novos conversos. Outra hipótese, defendida por vários intérpretes, é que a expressão “os que se batizam pelos mortos” alude a novos conversos que, após a morte de um parente ou amigo cristão, sentem-se impulsionados a se tornarem cristãos para poderem se reunir com eles na ressurreição. Essa proposta se baseia no fato de que a preposição grega *hyper*, “pelos”, pode ser interpretada como “por causa de” (cf. NAA), o que não implica uma conotação vicária. “Por causa de” deveria, portanto, ser interpretado como “tendo em vista o interesse do falecido”, ou seja, atendendo ao desejo dos cristãos já falecidos de ver seus parentes se convertendo ao cristianismo. Devido a essa preocupação, esses indivíduos são batizados pelos mortos.

Essa interpretação é viável do ponto de vista linguístico e está em consonância com, ou pelo menos não contradiz, a teologia do batismo presente no Novo Testamento. Ademais, ela se adapta à questão: “Quem são aqueles que são batizados pelos mortos?” Eles deixarão a fé cristã agora que estão aprendendo que a ressurreição dos mortos não existe?

A forma como Paulo expressa sua ideia parece confusa e pouco clara. Seria mais apropriado dizer: “Aqueles que creem por causa dos mortos” em vez de “os que se batizam”. Viver com incertezas é desafiador, mas, nesse caso, o intérprete deve admitir que há trechos bíblicos que não são totalmente compreendidos. **■**

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ pastor, professor e teólogo aposentado, foi diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica

CORES QUE ENSINAM

O SANTUÁRIO, O EGITO
E A DIDÁTICA DIVINA

L. S. BAKER JR



Atualmente, a cor pode ser vista como um aspecto secundário, sendo frequentemente considerada apenas uma questão de gosto pessoal. Mas isso também ocorria na Antiguidade? Em estudos do mundo antigo, aspectos como cores são frequentemente negligenciados. No entanto, pesquisas iconográficas e textuais têm destacado sua relevância e sugerido que as cores podem ter sido selecionadas com muito mais intencionalidade do que se imaginava inicialmente. Isso também parece se aplicar a estudos sobre o antigo santuário israelita no deserto.

Em certos aspectos, as instruções para a construção do santuário hebreu são extremamente detalhadas, ao passo que outros detalhes são completamente omitidos. Por exemplo, as dimensões exatas das cortinas do tabernáculo estão incluídas nas instruções (Êx 26:2, 8; 36:9, 15), mas não as dimensões das duas camadas externas de peles que cobriam o santuário (Êx 26:14; 36:19).

O tamanho dos dois compartimentos do santuário é outro exemplo. As dimensões do tabernáculo são descritas em detalhes (Êx 26:15-25; 36:20-30), mas não há instruções sobre onde o véu deveria ser pendurado dentro dele. Assim, só é possível fazer suposições sobre as dimensões exatas dos dois cômodos. Para chegar a algumas conclusões sobre o tema, os pesquisadores examinaram templos posteriores e ampliaram a análise para o santuário, o que se mostrou insatisfatório.

Ao descobrir os detalhes sobre a cor dos tecidos e das peles citados nas instruções, surge a questão: Qual era a importância dessas cores para serem mencionadas especificamente? Elas tinham algum significado na Antiguidade?

CORES NO EGITO ANTIGO

É importante compreender como as cores eram utilizadas no Egito. Por serem profundamente religiosos, os egípcios associavam cada aspecto da vida cotidiana ao reino dos deuses. Com as cores não era diferente, já que elas também carregavam significados religiosos.

Religião e magia. No Egito Antigo, a existência de divindades era indiscutível. A discussão teológica não tratava da existência dos deuses, mas de sua supremacia e hierarquia. Por exemplo, os egípcios acreditavam que a Terra tinha

sido criada por deuses, especialmente por uma divindade suprema, porém havia divergências quanto ao modo, local e agente. A arquitetura de seus templos buscava explorar a energia mágica inerente à criação. Dessa forma, eles acreditavam que a liturgia mantinha o equilíbrio cósmico.

Jan Assmann propõe que a religião pode ser classificada em três áreas: culto, teologia e estilo de vida (*From Akhenaten to Moses* [The American University in Cairo Press, 2016], p. 8). No Egito Antigo, o culto – entendido como a interação com o divino – abrangia “o papel da magia, a divindade do governante e a relevância do culto mortuário” (ibid.). Considerando que as forças do caos, na cosmologia egípcia, estavam sempre em movimento para recuperar o Universo, o culto era essencial para mantê-las sob controle.

Assim, os egípcios acreditavam que a “magia” tinha sido concedida à humanidade como um instrumento de autodefesa contra as forças caóticas que haviam criado o mundo. Eles acredita-

vam que uma palavra tinha dado origem ao mundo e que a magia o tornara real. Com essa visão, a magia estava presente em tudo e, ao simplesmente conhecer e pronunciar as palavras certas, junto dos gestos correspondentes, era possível ativar esse poder tanto para o bem quanto para o mal. Assim, a magia era considerada “uma ciência sagrada e força criativa”, analisada e exercida pelos sacerdotes por meio da linguagem divina: os hieróglifos. A magia não só era indistinta da religião, como também o “fio que ligava tudo” (Rosalie

David, *Handbook to Life in Ancient Egypt* [Oxford University Press, 1998], p. 169, 171).

A magia era utilizada por todos para manter o equilíbrio: sacerdotes nos templos, faraó no governo e deuses no céu e no submundo. As pessoas também podiam usar a magia para se “defender de seus próprios medos” (*Handbook to Life in Ancient Egypt*, p. 169). Isso era feito principalmente por meio de deuses domésticos e joias.

Finalidade das joias. No Egito, pessoas de ambos os gêneros, bem como de todas as classes sociais e faixas etárias, usavam joias, pois acreditava-se que elas possuíam poderes mágicos para proteger quem as ostentava. Desde épocas remotas, utilizavam-se amuletos, colares, pulseiras, tornozeleiras, anéis, cintos e adornos para a cabeça. É possível notar que todos esses eram enfeites decorativos. Os brincos aparecem pela primeira vez na iconografia em múmias e

PARA OS EGÍPCIOS, AS CORES CARREGAVAM SIGNIFICADOS RELIGIOSOS

estátuas de egípcios durante o Novo Império. A proteção contra doenças, desastres naturais e animais selvagens dependia tanto dos materiais empregados quanto do *design* de cada joia.

Acreditava-se que os deuses ou a magia (agentes primários) atuavam por meio de agentes secundários, como faraós, ídolos e joias. Por exemplo, os sacerdotes só podiam realizar um feitiço se fossem capazes de “assimilar uma divindade” e, ao fazer isso, também atuavam como agentes secundários. Na visão deles, outro agente secundário era a cor presente em estátuas de ídolos e joias, como as pedras preciosas.

Os joalheiros do Egito Antigo não escolhiam as pedras preciosas por sua qualidade refrativa ou seu brilho, mas principalmente por sua cor, em razão de sua associação simbólica. As propriedades mágicas da cor se tornavam parte integrante do objeto ao qual a cor tinha sido adicionada. Assim, os próprios materiais, tanto os metais como as pedras, compartilhavam seus poderes ocultos. As pedras preciosas mais conhecidas, em razão da cor associada, eram a cornalina (vermelha), a turquesa (azul) e a lazulita (azul-escuro). Essas são as três gemas presentes em todas as joias encontradas na tumba de Tutancâmon.

Significado da cor. Foram feitas pinturas nas tumbas e nos templos com efeito brilhante, como pode ser observado em reconstruções ou restaurações recentes. No entanto, essas cores não foram escolhidas aleatoriamente. Escolheu-se cada uma como componente essencial do objeto com o qual se relacionava. Como consequência, o sentido do simbolismo se tornava claro.

As cores escolhidas para retratar o cosmos egípcio refletiam, em certa medida, tanto a realidade quanto seu significado simbólico. O céu podia ser representado pela cor preta, que indica a noite, ou a cor azul, que indica o dia. Do ponto de vista terrestre, a cúpula azul que parece envolver a

Terra era vista como uma esfera de água ao seu redor, semelhante à descrição do planeta antes do dilúvio global (Gn 1:6, 7; 7:11). Esse era um corpo de água no qual apenas os deuses podiam navegar. Desse modo, começou-se a associar o azul ao divino.

Além disso, a Terra e seus corpos d'água foram descritos e nomeados por cores. Devido ao rico lodo negro que se acumulava no solo, tornando-o fértil após as inundações anuais, o Egito era chamado de *kemet* [“negro”]. Ainda é possível observar, assim como no passado antigo, uma distinção nítida entre as terras negras do Egito e as terras do deserto, conhecido como *deseret*, que significa “vermelho”.

Vermelho era uma cor que representava risco e incerteza. Fogo, sangue e sol (do amanhecer e do entardecer) eram percebidos como vermelhos e, portanto, perigosos.

No Baixo Egito, ao norte, a região do Delta do Nilo era representada por uma coroa vermelha como símbolo de perigo para todos que se opusessem ao governante. Em Lahun, foram encontradas portas pintadas de vermelho com o objetivo de manter as forças sobrenaturais perigosas afastadas. O deserto e todas as terras estrangeiras além dele eram conhecidos como terras vermelhas devido ao seu perigo. Os corpos d'água presentes nas terras vermelhas eram chamados de mares vermelhos, englobando o atual Mar Vermelho e seus dois braços, Suez e Áqaba.

Os lagos amargos, localizados ao norte do golfo de Suez, eram chamados de mares negros devido ao fato de um braço do Nilo irrigá-los diretamente. A cor preta estava ligada à vida e às terras que a sustentavam. Era também a cor das pessoas que viviam após a morte e, por isso, estava ligada à vida eterna. Assim, o vermelho e o preto se diferenciavam simbolicamente de várias maneiras.

Da mesma forma que a cor era empregada para diferenciar a terra dos vivos, também diferenciava os deuses, seu domínio e o reino dos mortos. O amarelo, cor do ouro, era empregado nas câmaras funerárias, já que o ouro era visto como o material do qual a pele dos deuses era feita. Amarelo é a cor do sol e das estrelas, que adornam os tetos de numerosos túmulos e templos. Como consequência, o amarelo (ou dourado) começou a representar a morada dos deuses.

É claro que o azul era uma das cores primárias ligada ao reino dos deuses. O verde e o preto também eram utilizados, porém somente em situações específicas. De fato, o deus Amon parece ter sido retratado pela primeira vez na cor azul durante o reinado de Tutmés III, da 18ª dinastia. Na 19ª dinastia, essa cor se tornou a única utilizada para representar Amon. O azul também estava ligado à fertilidade e, devido à sua conexão com a água – e com o céu, pois se acreditava que este era água –, relacionava-se

A SIMPLES APLICAÇÃO DA COR JÁ COMUNICAVA UMA MENSAGEM

à criação, uma vez que todas as coisas surgiram das águas primordiais.

O branco, símbolo de pureza, estava presente no cotidiano por meio de lençóis branqueados e de alta qualidade utilizados pelas classes privilegiadas. As mulheres nobres eram frequentemente retratadas com pele branca, tanto como símbolo de virtude quanto como representação fiel de sua posição social. Como não precisavam se expor ao sol, sua pele ficava mais clara. Animais sagrados também eram representados na cor branca. No Alto Egito (sul), uma coroa branca, que simbolizava o vale do Nilo, representava pureza.

As cores podiam se mesclar tanto para formar uma nova tonalidade quanto para unir seus significados. A púrpura, muitas vezes chamada de azul-escuro, foi desenvolvida no novo reino mergulhando-se primeiro o fio na cor vermelha e, em seguida, na cor azul, a fim de se obter a tonalidade desejada. Dessa forma, o vermelho, representando perigo, e o azul, simbolizando divindade, originaram uma cor ligada à realeza. O faraó era considerado divino, possuindo poder real sobre a vida das pessoas, tornando-se, assim, inerentemente perigoso.

CORES NO SANTUÁRIO ISRAELITA

As cores azul, púrpura e vermelho foram especificamente requisitadas (Êx 25:4) para tingir os tecidos e as peles do santuário no deserto. Além de estarem presentes no linho fino retorcido, elas podiam ser vistas em outras partes do santuário. O couro de carneiro deveria ser tingido unicamente de vermelho, e as vestes sacerdotais deveriam ser confeccionadas também nas cores azul, púrpura e vermelho, além de conter fios de ouro e pedras preciosas específicas. As cores também estão subentendidas, ainda que não tenham sido explicitamente citadas. O tecido pedido era linho fino (v. 4), o que indica que era branco e utilizado tanto nas estruturas quanto nas vestes sacerdotais. O miolo da madeira de acácia era vermelho. Todos os metais escolhidos exibiam cores particulares, cada uma com seu próprio significado.

Pelo menos durante o período histórico em que o santuário foi construído no deserto, outras cores estavam acessíveis. No Egito, o linho e o couro podiam ser tingidos nas cores verde, amarelo (exceto quando associado ao ouro), laranja, preto e até marrom. Entretanto, essas cores não são mencionadas diretamente como as utilizadas na construção do santuário israelita. Isso parece indicar que havia uma intenção ao solicitar cores específicas de tecido.

Bordado. A maioria dos bordados durante os períodos dinásticos estava ligada à realeza. De fato, o tecido bordado mais antigo do Egito remonta ao reinado de Amenotepe II,

DEUS ESCOLHEU SE COMUNICAR EM UMA LINGUAGEM QUE OS HEBREUS PUDESSEM ENTENDER, APESAR DAS ORIGENS EGÍPCIAS DE ALGUNS SÍMBOLOS

da 18ª dinastia. O fio colorido foi especificamente utilizado para bordar o portão do átrio do santuário, a cortina de entrada do tabernáculo, sua cobertura interior de linho e o véu que separava o lugar santo do lugar santíssimo. Isso significa que o uso do bordado claramente identificava o espaço como pertencente ao Rei de Israel.

Significado por meio da vivência. Os hebreus tinham saído recentemente do Egito, onde haviam atuado como artesãos e trabalhado na construção civil (Êx 1:11; 5:6-18; 35:10, 25, 26). Quando ingressaram no Egito, eram pastores nômades do Oriente (Gn 46:32-34). Desse modo, suas habilidades artísticas e de construção foram provavelmente adquiridas no Egito, empregando estilos e significados egípcios. É provável que os hebreus compreendessem claramente os significados das cores para os egípcios. Como consequência, ao atribuir esses significados ao uso das cores no santuário, seremos capazes de observar essas cores pela perspectiva egípcia, isto é, pela perspectiva dos hebreus instruídos a ver dessa forma.

Além do portão. A presença de linho branco pendurado em postes ao longo da parte externa do perímetro comunicava riqueza. Durante a maior parte de sua história, o Egito utilizou o linho como tecido predominante. Porém, apenas os mais abastados podiam comprar o linho branqueado de melhor qualidade; portanto, possuir um lado inteiro confeccionado com esse material seria um símbolo de magnitude. No Egito, ele era branqueado para transmitir a ideia de pureza. Desse modo, aqueles que estavam fora do pátio do santuário no deserto presumiriam que tudo no interior era puro e de grande valor, adequado para um espaço sagrado.

Isso teria sido ainda mais impactante no portão adornado, indicando a presença da realeza. O uso de fios azuis, púrpuras e vermelhos no bordado sugeriria que quem estava por trás dele era um Rei divinamente poderoso.

O SENHOR DESASSOCIOU A COR DE QUALQUER LIGAÇÃO COM A MAGIA

Fora do tabernáculo. Dentro do pátio, ao se olhar para o abrigo do tabernáculo, a mesma mensagem subconsciente transmitida pelo bordado teria sido reforçada. Assim, tanto o portão do pátio quanto o abrigo do tabernáculo comunicavam que a realeza estava além da cortina de entrada.

Nada do acampamento externo era visível dentro do pátio. Todos que estavam no pátio eram cercados por uma parede de linho branco. Isso transmitiria a atmosfera pura do espaço. A simples aplicação da cor já comunicava uma mensagem, que era intensificada pelo sistema de sacrifício e pelo mobiliário.

No interior do tabernáculo. No lugar santo, era possível observar bordados em azul, púrpura e vermelho atrás (na cortina), acima (na camada mais interna do tabernáculo) e à frente (no véu). Assim, a cortina do tabernáculo, o tecido de linho que constituía o teto visível e o véu que impedia a visão do lugar santíssimo indicavam novamente que a pessoa estava na presença da realeza. À direita e à esquerda (norte e sul), paredes cobertas de ouro refletiam a luz das lâmpadas. Todos os móveis dessa sala, como candelabro, mesa e altar, também eram feitos ou revestidos unicamente de ouro. Esse aspecto da natureza de Deus foi reforçado devido à associação do ouro (e do amarelo) com o divino. É evidente que a cortina, a cobertura e o véu também eram confeccionados em linho branco, simbolizando a pureza do ambiente.


O véu é um mistério, pois não se sabe como era pendurado. Se fosse apenas uma cortina comum, ao atravessá-lo, ficaria atrás de quem entrasse, permitindo apenas ao sumo sacerdote fazê-lo, enquanto a cobertura de linho que constituía o teto permaneceria visível acima. Paredes douradas podiam ser vistas à direita, à esquerda e além da arca. Se fosse uma estrutura de madeira decorativa, tudo o que se veria por

dentro seria o linho branco e os bordados nas cores azul, púrpura e vermelho. De qualquer modo, esse compartimento especial, que simbolizava a presença do Deus-Rei dos hebreus, seria considerado um lugar extremamente sagrado.

CONCLUSÃO

Parece que Deus desejava transmitir certas mensagens de maneira simples aos hebreus, a fim de que eles pudessem compreender o plano da salvação por meio do ritual do santuário. Assim, a utilização da cor fazia parte de uma estrutura normativa que possibilitava a Deus comunicar-Se de forma clara. Durante o processo, o Senhor desassociou a cor de qualquer ligação com a magia, afirmando que Ele era o protetor de Israel e não podia ser controlado como os egípcios pensavam que suas divindades podiam ser.

O mais interessante é que Deus pareceu empregar esses elementos em Suas orientações. Se quisesse, Ele poderia ter determinado o uso de qualquer metal ou até mesmo madeira nua em Seu tabernáculo. O uso de ouro para representar os móveis do tabernáculo, mesmo quando o metal estava claramente associado aos deuses egípcios, indica que o Senhor Se preocupou mais em transmitir Sua divindade aos hebreus do que em esclarecer qualquer outra coisa. Isso também indica que Ele escolheu intencionalmente comunicar em uma linguagem que os hebreus pudessem entender, apesar das origens egípcias de alguns símbolos.

Portanto, a compreensão de Deus para os hebreus estava diretamente relacionada à compreensão desses significados originais associados à cultura. Analisando o que foi empregado, bem como o que não foi ou foi modificado, podemos identificar a estrutura cultural que o Senhor estava disposto a utilizar para auxiliar os hebreus a compreenderem Sua natureza e Sua salvação, oferecida a todos que O aceitassem como seu Deus e Rei. 

Nota: O texto completo encontra-se no seguinte endereço: link.cpb.com.br/395f68.

L. S. BAKER JR. é diretor associado da editora universitária da Universidade Andrews, nos Estados Unidos



Em Pacaraima (RR), encontro reuniu o ancianato de quase 30 congregações adventistas compostas por três etnias indígenas: os taurepang, os macuxi e wapichana.

Foto: Wellington Barbosa

CESTA BÁSICA ESPIRITUAL 2026

DE 1º/SET A 12/OUT



▶ UMA ROTINA COM DEUS
TRANSFORMA TUDO! ◀

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

Baixe o
Aplicativo CPB



Ensino com propósito

ALUNOS REALIZAM MISSÕES NO BRASIL E EM PAÍSES VIZINHOS

GUSTAVO CIDRAL

Participar de uma missão estudantil transformou a vida de Luiz Maccagnan. Aluno do 3º ano do ensino médio do Colégio Adventista do Portão, em Curitiba (PR), ele viajou à Bahia entre os dias 19 e 30 de junho, acompanhado de outros 18 colegas. Durante a missão, o grupo revitalizou um instituto de apoio a dependentes químicos, plantou um pomar no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (Uniaene), distribuiu roupas e evangelizou comunidades carentes.

A princípio, Luiz não tinha intenção de participar. No entanto, ao conhecer melhor o projeto, empenhou-se para levantar os recursos necessários e, durante a viagem, viveu experiências que fortaleceram sua fé. “Na última noite, senti algo muito especial: um forte desejo de cursar Teologia. Ainda estou orando sobre isso, mas sei que quero dedicar minha vida a anunciar o evangelho”, afirma.

Essa missão integrou um programa mais amplo, que envolveu 211 voluntários de nove unidades escolares da Associação Central Paranaense em diversas frentes evangelísticas e sociais, realizadas em países da América do Sul.

A maior delegação, composta de 64 pessoas, esteve em Buenos Aires, Argentina. Os alunos dos colégios da cidade de Araucária e do bairro curitibano do Boqueirão promoveram uma Escola Cristã de Férias e reformaram duas igrejas adventistas. “A mudança cultural foi marcante, mas aprendi a valorizar a beleza da simplicidade dessas diferenças. Foi precioso aproveitar cada momento”, lembra Lohana Neves, aluna do 3º ano do ensino médio.

No Uruguai, 50 voluntários das escolas de Ponta Grossa, Colombo e Guarapuava revitalizaram o Instituto Adventista local, promoveram uma Escola Cristã de Férias, visitaram um asilo e apoiaram igrejas da região. “Servir ao próximo também é uma forma de



Missão realizada no Uruguai beneficiou internato adventista, comunidades vizinhas e igrejas da região



A maior delegação esteve na Argentina, promovendo uma Escola Cristã de Férias e realizando reformas em templos



Além de ajudar na reforma de uma escola na Bolívia, estudantes promoveram ações sociais e evangelísticas

adorar a Deus”, reflete o pastor Herbert Lindoso. Para a estudante Luiza Antunes, a experiência teve um profundo impacto espiritual: “Vi Deus em cada detalhe, nas músicas, nas orações e nos abraços.”

Na cidade boliviana de Warnes, 43 alunos do Colégio Adventista do Boa Vista, em Curitiba, reformaram a Escola Adventista Jacinto Supo, realizaram ações de evangelismo, visitaram um orfanato e distribuíram roupas e alimentos. “Achei que iria para ajudar, mas fui eu quem acabou sendo transformada”, testemunha Bianca Martins, aluna do 1º ano do ensino médio. Helena Júlia, do 2º ano, acrescenta: “Foi algo extraordinário, que mudou minha forma de pensar e me aproximou de Deus.”

Em solo brasileiro, 32 estudantes dos colégios de Vista Alegre, em Curitiba, e Telêmaco Borba, no interior do estado, reformaram estruturas do internato adventista em Colatina (ES), plantaram árvores, realizaram classe bíblica

esportiva e distribuíram literatura. “Não abençoamos apenas outras pessoas; nós mesmos fomos transformados”, ressalta o pastor Cristiano Baruffi.

Já o grupo que esteve na Bahia deixou não apenas resultados visíveis, mas também decisões espirituais, como a de Luiz. Ele conta: “Essa missão me mostrou como Deus é grande e maravilhoso. Cursando Teologia ou não, eu sei que viverei para levar Sua Palavra.”

Mais do que ações práticas, essas cinco missões escolares reafirmaram o propósito da Educação Adventista: formar jovens comprometidos com o serviço e a fé. Para cada participante, as experiências transcenderam fronteiras e culturas, despertando vocações, fortalecendo relacionamentos e mostrando que o verdadeiro aprendizado também acontece quando se estende a mão ao próximo. **A**

GUSTAVO CIDRAL é assessor de comunicação da Associação Central Paranaense



Dietas contra o câncer

NOVO ESTUDO MOSTRA O IMPACTO DA ALIMENTAÇÃO VEGETARIANA NA REDUÇÃO DO RISCO PARA DIVERSOS TIPOS DA DOENÇA

ANSEL OLIVER

Ter uma dieta vegetariana pode reduzir em até 12% o risco geral de câncer. No caso de algumas doenças oncológicas menos comuns e pouco estudadas, os resultados foram ainda mais surpreendentes: vegetarianos apresentaram 45% menos risco de câncer de estômago e 25% menos risco de desenvolver linfomas.

Essas são algumas das conclusões de um estudo sobre o impacto de diferentes tipos de dietas vegetarianas na saúde, realizado pela Universidade de Loma Linda e publicado em junho no periódico científico *The American Journal of Clinical Nutrition* (link.cpb.com.br/dca0d7).

O estudo também apresentou evidências robustas que corroboram pesquisas anteriores, indicando que veganos têm cerca de 25% menos riscos de desenvolver cânceres comuns, como os de mama e próstata. Além disso, as dietas vegetarianas, de forma geral, estão associadas a uma redução de até 20% no risco de câncer colorretal.

Coordenado pelo médico Gary Fraser, este é o primeiro estudo longitudinal com precisão suficiente para comprovar

a relação entre diferentes padrões de dietas vegetarianas e o risco de alguns tipos menos comuns de câncer. “O estudo também indicou benefícios da dieta vegetariana na prevenção de câncer de pulmão, ovário e pâncreas. No entanto, nesses casos, ainda são necessárias mais evidências para conclusões definitivas”, acrescentou o doutor Fraser.


Conduzida pelo departamento de pesquisa da Universidade de Loma Linda, a análise foi embasada nas informações do “Adventist Health Study-2” [Estudo Adventista de Saúde-2], que acompanhou 96 mil adventistas dos Estados Unidos e do Canadá e já serviu de base para mais de 200 estudos publicados sobre dieta, saúde, doenças e mortalidade. Para esta pesquisa específica, foram considerados dados de 80 mil participantes, sendo aproximadamente metade deles vegetarianos.

O estudo, financiado pela Universidade de Loma Linda, em parceria com o Instituto Nacional do Câncer, dos Estados Unidos, e o Fundo Mundial de Pesquisa do Câncer, do Reino Unido, comparou adventistas vegetarianos e adventistas não vegetarianos, o que sugere que os resultados

poderiam ser ainda mais expressivos se fossem confrontados com os dados da população em geral.

Fraser acrescentou que pesquisas anteriores compararam essa população com informações do censo dos Estados Unidos e indicaram que adventistas não vegetarianos apresentavam cerca de 25% menos riscos gerais de câncer em relação à população norte-americana. Já os adventistas vegetarianos tinham cerca de 35% menos chances de desenvolver câncer.

“Muitos desses adventistas não vegetarianos ainda assim são bastante conscientes em relação à saúde. Por isso, de certa forma, é surpreendente termos encontrado resultados tão significativos”, disse Fraser.

Embora o novo estudo tenha apontado benefícios gerais mais expressivos para veganos em comparação com outros tipos de dietas vegetarianas, foi observada uma exceção: a dieta pescovegetariana apresentou menor risco de câncer colorretal em relação às demais dietas vegetarianas. 

ANSEL OLIVER atua na agência de notícias da Universidade de Loma Linda



Construindo juntos

IGREJA NA AMÉRICA DO SUL AVANÇA NA ELABORAÇÃO DE PLANO ESTRATÉGICO

FELIPE LEMOS

Líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Sul deram mais um passo na elaboração do Plano Estratégico Integrado para os próximos cinco anos. Durante o Concílio de Administradores e Departamentais (Cade), realizado em agosto, em Foz do Iguaçu (PR), com a participação de representantes de oito países, foram consolidadas novas etapas de um processo colaborativo que visa ampliar o impacto da pregação do evangelho.

A experiência de Francine e Antônio Domingos, do Acre, ilustra bem os objetivos almejados. Há alguns anos, eles decidiram se mudar para uma comunidade sem presença adventista, próximo à cidade de Cruzeiro do Sul, com o propósito de evangelizar. O trabalho resultou em dezenas de batismos e na formação de uma nova congregação.

As metas, objetivos e indicadores definidos em todos os níveis administrativos visam fortalecer esse senso missionário nas mais de 30 mil congregações espalhadas pelo território sul-americano. Segundo o pastor Stanley Arco, presidente da Divisão Sul-Americana, essas ações contribuirão para o alinhamento

de esforços e a participação ativa das igrejas locais. “Haverá mais diálogo entre as entidades em todos os níveis administrativos, e deveremos consolidar uma cultura constante de celebração das vitórias por meio de reavaliações regulares. Queremos estar todos alinhados em um mesmo propósito”, ele destaca.

O processo teve início em julho de 2024, com uma pesquisa que envolveu 4 mil pastores e líderes, cujas respostas orientaram a definição da estratégia geral. Desde então, reuniões entre a Divisão e as Uniãos têm detalhado as ações. O pastor Douglas Menslin, nomeado assistente da presidência para Desenvolvimento de Liderança e Planejamento Estratégico, coordena o avanço até o nível local e enfatiza que tudo está sendo construído com ampla participação. Além disso, ele ressalta que “o Planejamento Estratégico Integrado é baseado nas necessidades identificadas na pesquisa e não em projetos pré-existentis”.

Mentores serão responsáveis por acompanhar e avaliar a execução do plano, ampliando o papel dos diretores de departamentos, que passam a formar líderes além de promover programas.

O modelo também define funções claras: Divisão e Uniãos atuam estrategicamente; Associações e Missões, de forma tática e operacional; e os distritos pastorais, principalmente no nível operacional.

Quatro prioridades nortearão o trabalho no próximo quinquênio, cada uma com objetivos específicos e parâmetros de avaliação: (1) Identidade: fortalecer a identidade profética da igreja, bem como o compromisso com as crenças e o estilo de vida adventistas; (2) Discipulado: incentivar o relacionamento pessoal com Deus e envolver cada membro na formação de novos discípulos; (3) Liderança: formar e desenvolver líderes, aprimorando competências pastorais; e (4) Novas gerações: integrar jovens à comunhão, à adoração, à missão e à liderança.

Essas prioridades estão conectadas a programas já conhecidos, como 10 Dias de Oração e 10 Horas de Jejum, Impacto Esperança, Evangelismo de Semana Santa e Semana da Primavera, que continuarão sendo ações integradas na maioria das congregações.

A expectativa é que o processo gere impacto nas realidades locais, permitindo ajustes conforme o contexto. A liderança sul-americana espera que, até o fim de 2025, o plano esteja implementado nas igrejas, possibilitando ajustes já para 2026. **FA**

FELIPE LEMOS é diretor da assessoria de comunicação da sede sul-americana da Igreja Adventista

Em meados da década de 1940, a pequena população da Vila de Cumatê teve contato com a mensagem do sábado por meio de um homem que andava pela floresta amazônica, indo de vila em vila para pregar o que havia descoberto em um livro que tinha adquirido e percebido estar de acordo com a Bíblia. Apesar desse senso missionário, aquele senhor não pertencia a nenhuma denominação religiosa. No entanto, sua vontade de compartilhar a descoberta bíblica promoveu mudanças significativas na vida dos povoados por onde passou. Pouco depois, Leo e Jessie Halliwell, bem como o casal Bruno e Virginia Steinweg, conheceram aquele pequeno lugar, que se tornaria um dos cenários mais vibrantes do avanço do evangelho por meio da lancha Luzeiro.

Nessa época, a recém-formada União Norte-Brasileira (UNB) era presidida por Leo Halliwell, um missionário norte-americano que havia chegado ao estado do Pará em 1929, juntamente com sua esposa, a enfermeira Jessie Halliwell. Seguindo o exemplo de colportores como Hans Mayr e André Gedrath, que “trabalhavam remando suas canoas entre os rios amazônicos, levando livros que falavam sobre o evangelho e a reforma de saúde”, o casal planejou e construiu uma lancha que navegaria pelos rios do Norte do Brasil, levando tanto atendimento médico quanto o conhecimento da Bíblia aos ribeirinhos (Loriza Kettle, *Uma Igreja na Selva* [Millennium Editora, 2016], p. 13; *Revista Adventista*, novembro de 1976, p. 10).

Após a conclusão da lancha, Bruno e Virginia Steinweg se uniram às ações missionárias, pouco depois de chegarem à região, em janeiro de 1936. Ambos eram norte-americanos e passaram a trabalhar na sede administrativa da igreja para essa área, a qual também servia de residência para os funcionários estrangeiros.

Anos depois, no *Informativo Mundial das Missões*, Virginia relatou que ouviu de um não adventista, que ajudava os missionários no transporte da lancha Luzeiro pela desconhecida e extensa região, sobre

a existência de uma vila que guardava o sábado. Curiosos em conhecer o local, em um dos fins de semana em que os Steinweg e os Halliwell navegavam pelas proximidades da capital paraense, decidiram seguir caminho até a vila. Virginia prosseguiu, narrando o momento em que tiveram o primeiro encontro com os moradores:

“Por volta do meio-dia, estávamos contornando a última curva do rio quando avistamos doze coqueiros que indicavam o porto de Cumatê. Um grupo de pessoas se reuniu para nos cumprimentar, pois haviam ouvido o som do motor se aproximando. O próprio velho Sabá estava lá. Ele e alguns outros vieram em uma canoa para nos dar as boas-vindas. [...] Em poucos minutos, os moradores, num total de oito a dez casas espalhadas por uma milha de floresta, estavam aglomerados ao redor do barco. Praticamente todas as crianças e muitos adultos sofriam de bouba, uma terrível doença típica dos países tropicais. Seus pés e pernas estavam cobertos de feridas. Entre essas pessoas, havia um bebê que jamais esquecerei: estava coberto de crostas e feridas abertas, da cabeça aos pés. Como de costume, o irmão Halliwell e a irmã Jessie foram extremamente pacientes ao tratar cada pessoa que chegava” (*Missions Quarterly*, ed. 38, nº 4, quarto trimestre de 1949, p. 21).

Assim que chegaram à pequena vila, o grupo de adventistas procurou saber quem era o líder local e se apresentou. Ao conhecerem melhor o lugar e seus habitantes, eles prontamente ofereceram auxílio médico. Foi então que descobriram que, algum tempo antes, um homem havia conhecido a verdade sobre a observância do sábado por meio do estudo da literatura adventista. Movido por esse novo entendimento, ele começou a pregar por conta própria; vinha todos os sábados pela mata para ensinar os moradores do vilarejo, que chegaram até mesmo a devolver o dízimo.

Naquela primeira noite, a lancha Luzeiro tornou-se palco de evangelismo. Ao som de um “órgão dobrável”, as pessoas se aproximaram e se juntaram a eles nas canções, não permitindo que os visitantes descansassem até que proferissem dois sermões ilustrados. No dia seguinte, conforme Virginia relatou, “visitamos suas casas, realizamos alguns estudos e esperamos pela escuridão para iluminar a floresta com as luzes elétricas para outra reunião. Após um louvor mais vigoroso, houve dois sermões. Então, várias cargas de canoa chegaram da vila vizinha e [...] tivemos um terceiro sermão” (*Missions Quarterly*, p. 22).

Virginia ainda relatou que, após essa reunião, o grupo voltou a Belém, com exceção dela e da esposa de Sabá, que sofria de uma doença no estômago. “Como eu era a única que não era urgentemente

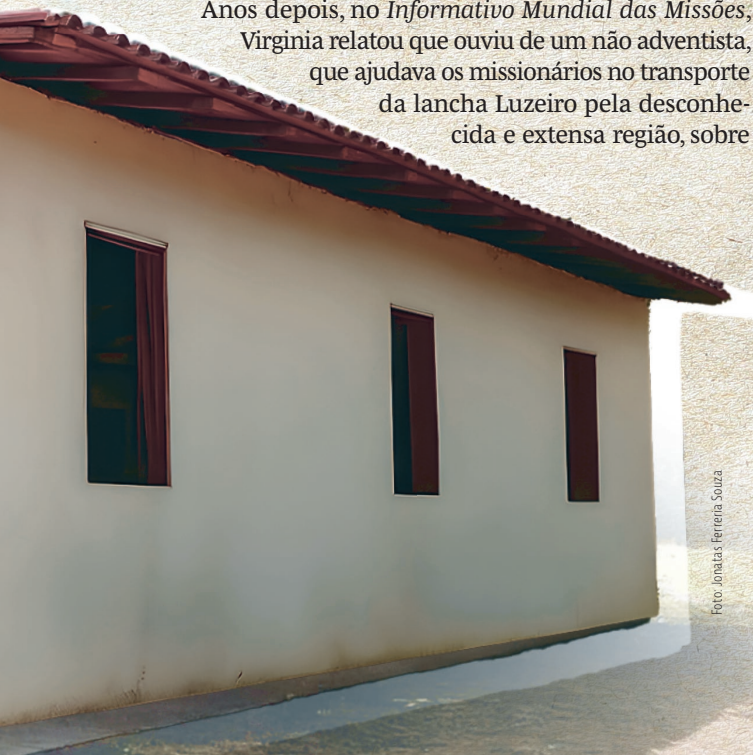


Foto: Jonathan Ferreira Souza

DEPOIS QUE AQUELE
DESCONHECIDO
CHEGOU COM
A MENSAGEM
BÍBLICA, AS PESSOAS
DAQUELE LUGAR
PASSARAM A SER
ALFABETIZADAS POR
MEIO DA BÍBLIA

necessária em Belém, foi decidido que eu deveria ficar por uma semana e depois voltar para casa por terra. Felizmente, eu tinha minha rede, meu cobertor e um mosquitoireiro. Além disso, eu conhecia a esposa de Sabá, tendo, anos antes, percorrido a longa distância até sua casa, no subúrbio de Belém, para dar à sua filha pequena a vacina contra a tosse convulsa [coqueluche]” (*Missions Quarterly*, p. 22).

Nos dias seguintes, Virginia uniu-se aos moradores no estudo da Bíblia, ensinando a doutrina adventista e alguns hinos cristãos. Em seu relato, rico em detalhes sobre a vida na Vila de Cumatê, ela afirma ter percebido que a maior dificuldade

não era aceitar a mensagem do sábado ou o evangelho, mas a reforma de saúde. Sobre os costumes alimentares dos ribeirinhos, o pastor Ramon Cronk afirmou que, antes da conversão, os moradores se alimentavam de carne de macaco, vermes, caranguejos e peixes de couro. Porém, ao se tornarem adventistas, os ribeirinhos reaprenderam a comer e a cozinhar. “Isso significava muito trabalho no campo, limpando a selva para o plantio de milho, arroz e mandioca. Também exigia mais habilidade e paciência para capturar o melhor e mais ativo tipo de peixe com escamas, em vez do peixe lento de pele lisa” (R. R. Cronk, *South American Bulletin*, v. 28, nº 1, 1948, p. 4).

Após aquela primeira semana, os moradores de Cumatê e os adventistas não se separaram mais. Durante anos, a família Halliwell, os Steinweg e outros obreiros voltaram à vila regularmente para dar continuidade às séries evangelísticas. A cada três meses, visitavam a região por alguns dias, enquanto os cultos normais já eram conduzidos pelos membros locais.

O pastor Ramon Cronk relatou uma das últimas reuniões realizadas em Cumatê, registrada na *Revista Adventista*. Segundo ele, durante alguns dias, todas as noites cerca de 70 pessoas se reuniam em uma clareira improvisada, onde eram realizadas palestras. Leo Halliwell ministrava com o auxílio de um projetor instalado entre as árvores, enquanto os demais obreiros colaboravam nos estudos bíblicos.

Ao fim da série, 30 pessoas foram batizadas. Como parte do trabalho desenvolvido pela Luzeiro, durante o dia, “eram tratados doentes das várias localidades vizinhas”. À noite, Halliwell pregava com o auxílio de suas belas “chapas coloridas” (*Revista Adventista*, julho de 1948, p. 10).

CONEXÕES FAMILIARES

As duas últimas referências encontradas sobre a Vila de Cumatê na *Revista Adventista* apresentam mais alguns detalhes. A primeira, de 1947, é um relato do pastor Cronk, no qual são mencionados dois frequentadores da igreja da vila: Carlos, que caminhava cerca de 20 quilômetros todos os sábados para congregar, e André Neves, descrito por Cronk como uma pessoa com deficiência física que, pela fé, trabalhava arduamente para adquirir a *Lição da Escola Sabatina*. Anos depois, uma nota publicada na seção de falecimentos da RA de março de 1970 menciona outros dois moradores de Cumatê: Manoel Campos das Neves e Deolinda Neves. Na nota, é registrada a morte de Manoel, referido como um dos primeiros adventistas a serem batizados em Cumatê.

Apesar de ser a última publicação sobre a localidade, esse foi meu ponto de partida para esta pesquisa. Cumatê é o local em que nasceu minha avó, Azarias Neves Nogueira, neta de Manoel Neves, mencionado no obituário. Ela costumava contar como foi ouvir pela primeira vez o som do motor da Luzeiro chegando à vila e como era esperar pelas próximas visitas dos missionários. Lembro-me também das vezes em que falou sobre a dificuldade de adaptar os costumes alimentares ao que era considerado adequado segundo a Bíblia. No entanto, o que ela relatava com mais frequência – e sempre de forma bastante emocionada – era o quanto era prazeroso pregar a mensagem que receberam com a chegada da Luzeiro.

Por iniciar como uma simples pesquisa genealógica, além dos registros em documentos e publicações, ouvi muitos relatos de familiares. Segundo minha avó, mesmo sendo criança quando a Luzeiro aportou em sua vila, a pequena Cumatê já ansiava por mais conhecimento sobre Deus. Depois que aquele desconhecido chegou com a mensagem bíblica, as pessoas daquele lugar passaram a ser alfabetizadas por meio da Bíblia. Aos sábados, as famílias de pescadores suspendiam suas atividades para adorar a Deus.

Hoje, Cumatê continua sendo uma pequena vila, com tão poucos moradores e com infraestrutura tão limitada quanto na década de 1940. Grande parte da população ribeirinha migrou para outras regiões do estado. No entanto, apesar de os Steinweg e os Halliwell provavelmente não terem tomado conhecimento disso, as famílias que moravam naquela longínqua vila foram responsáveis por compartilhar a mensagem do advento pela região paraense do Salgado e do Caeté, cumprindo seu legado missionário. ■

DANIELE RODRIGUES NOGUEIRA é assessora de comunicação da rede educacional adventista para a região norte do Pará

MEMÓRIA

"BEM-AVENTURADOS OS MORTOS QUE, DESDE AGORA, MORREM NO SENHOR" (APOCALIPSE 14:13).

Daniel Gomes de Oliveira,

aos 100 anos (5/2/1925–27/4/2025), vítima de pneumonia. Filho de Emiliana e Irineu Gomes de Oliveira, pioneiros da mensagem adventista no oeste da Bahia, foi o último dos 17 irmãos a descansar na esperança da breve volta de Jesus. Conduziu dezenas de pessoas a Cristo por meio de suas pregações e seus estudos bíblicos. Também gostava de cantar, utilizando seu suave tenor para louvar a Deus. Trabalhou com dedicação por mais de 40 anos no território da Associação Sul-Paranaense como colportor-evangelista de êxito, levando a mensagem impressa para milhares de famílias. Deixou os filhos Belmiro, Adonias, Noemi, Mical, Hulda e Carmelita, além de dez netos e seis bisnetos.



José Cordeiro dos Santos,

aos 89 anos (10/9/1935–22/3/2025), vítima de insuficiência renal. Nascido em Serrita (PE), aceitou a mensagem adventista por meio da influência da esposa, Maria (*in memoriam*), com quem foi casado por cinco décadas. Serviu ao Senhor por 46 anos no ancionato, na Escola Sabatina e em outros departamentos da igreja. Frequentava a Igreja Adventista do bairro Gopoúva, em Guarulhos (SP). Seu hino preferido era "O Jardim de Oração" (nº 363 do *Hinário Adventista*), e seu verso predileto, João 3:16. Viúvo, deixou sete filhos, três genros, duas noras, 13 netos e três bisnetos.



Maria Angélica dos Santos Oliveira,

aos 67 anos (23/12/1957–13/4/2025), em Ourinhos (SP), vítima de insuficiência renal. Filha de



Paulo Cassimiro de Oliveira e Hilda José dos Santos Oliveira, nasceu em Santa Inês (BA) e construiu uma história de amor ao próximo e dedicação à família. Mulher batalhadora, foi perseverante em sua caminhada cristã. Frequentadora assídua dos cultos, buscava constantemente fortalecer sua fé, mesmo em meio às adversidades. Manteve viva a esperança na promessa do retorno de Jesus. Deixou o esposo, Oseas, com quem foi casada por mais de quatro décadas; os filhos Jophe, Mávila, Lusiane e Oseane; a nora, Elisabete, e os genros Paulo e João; além das netas Ana Francisca e Analu.

Marisa de Campos Moreira da Silva,

aos 86 anos (20/3/1939–11/6/2025), vítima de cardiopatia e AVC. Ao longo de sua vida, residiu em Ferraz de Vasconcelos (SP), em várias cidades do Paraná, em Cuiabá (MT) e, por fim, em Campo Grande (MS), onde frequentou a Igreja Adventista do bairro Amambai por quase 50 anos. Era bondosa, paciente e hospitaleira. Atuou como professora nos departamentos infantis e exerceu outras funções na igreja local. Viúva, deixou os filhos Solange, José Newton Jr. (servidor da CPB), Jair, Marcos (diretor administrativo da Clínica Adventista de Quito, no Equador), Elaine e Gláucia, além de genro, noras, dez netos e dois bisnetos.



Marta Alves da Fonseca,

aos 81 anos (20/10/1943–5/5/2025), de morte natural, em Mantena (MG), onde era fiel membro da Igreja Adventista Central. Solteira, deixou um irmão, sobrinhos, primos e muitos amigos, que aguardam com esperança o reencontro por ocasião do retorno de Jesus.



Noemy Andrade Rocha Prates,

aos 90 anos (22/6/1934–25/5/2025), em Goioerê (PR), vítima de AVC. Nascida em Iar adventista no município de Jaguari (RS), cursou o magistério e dedicou sua vida profissional ao ensino das séries iniciais no colégio do antigo Instituto Adventista São Paulo (Iasp), onde influenciou positivamente gerações de alunos. Como voluntária, atuou no Ministério da Criança e no diaconato. Era membro da Igreja Adventista do Unasp, campus Hortolândia, onde também foi batizada. Sua trajetória foi marcada pela entrega à família, à educação e à fé, sendo uma referência de serviço, amor e dedicação ao próximo. Deixou nove filhos, 24 netos, 21 bisnetos e dois trinetos.



Silvino Caetano da Silva,

aos 82 anos (19/10/1942–27/6/2025), em Caruaru (PE), vítima de AVC e outras complicações de saúde. Adventista havia 25 anos, foi muito dedicado às atividades da igreja, especialmente no diaconato, na congregação do bairro de São Francisco, onde foi membro por muitos anos. Participava ativamente dos projetos missionários e, mesmo durante o período de enfermidade, já hospitalizado, continuava a testemunhar sua fé em Deus e a declarar sua esperança na volta de Jesus. Deixou esposa, filhos – entre eles o pastor Nerivan Silva, editor na CPB –, netos e bisnetos.



Walter Neves Mamedes Silva,

aos 85 anos (23/3/1940–27/5/2025), em decorrência de sequelas de



um infarto. Nascido em Santo Hilário (MG), foi batizado em 1960, em Fátima do Sul (MS), juntamente com os pais, José Mamedes Silva e Sebastiana Gertrudes de Farias, e o irmão Manoel, pelo pastor Manoel João Braff. Como voluntário, exerceu com dedicação as funções de diácono, líder de jovens e professor da Escola Sabatina na igreja local. Também foi anfitrião de pequenos grupos e ministrou diversos estudos bíblicos ao longo da vida. Diligente em tudo o que fazia, atuou como representante comercial e colportor, sendo destaque na distribuição da coleção *Novo Tratado Médico da Família*. Era conhecido por sua honestidade, aversão a conflitos e senso de justiça. Frequentava a Igreja Adventista do bairro Amambai, em Campo Grande (MS). Deixou a esposa, Maria, com quem foi casado por mais de seis décadas; os filhos Jesiel, Edithimar e Vera; além de oito netos e dez bisnetos.

Zelinda Andrade Batista,

aos 72 anos (17/4/1952–4/4/2025), em Capão Bonito (SP), vítima de câncer. Nascida em Pereira Barreto (SP), era adventista de berço e fiel serva do Senhor. Frequentou diversas congregações ao longo da vida – Vila Matilde, Mogi das Cruzes, Lapa e Burgo Paulista, na Grande São Paulo, e Capão Bonito, no interior do estado –, sempre demonstrando seu amor a Deus por meio do canto e da declamação de poesias. Leitora assídua da literatura cristã, especialmente da Bíblia e dos escritos de Ellen White, foi também uma dedicada assinante da *Revista Adventista*. Professora aposentada, deixou o esposo, Arnaldo, com quem foi casada por 52 anos; os filhos Priscila e Rafael; além de demais familiares.



LEGADO NEGLIGENCIADO

OS 500 ANOS DA REFORMA RADICAL

DAVI BOECHAT E ISAAC MALHEIROS

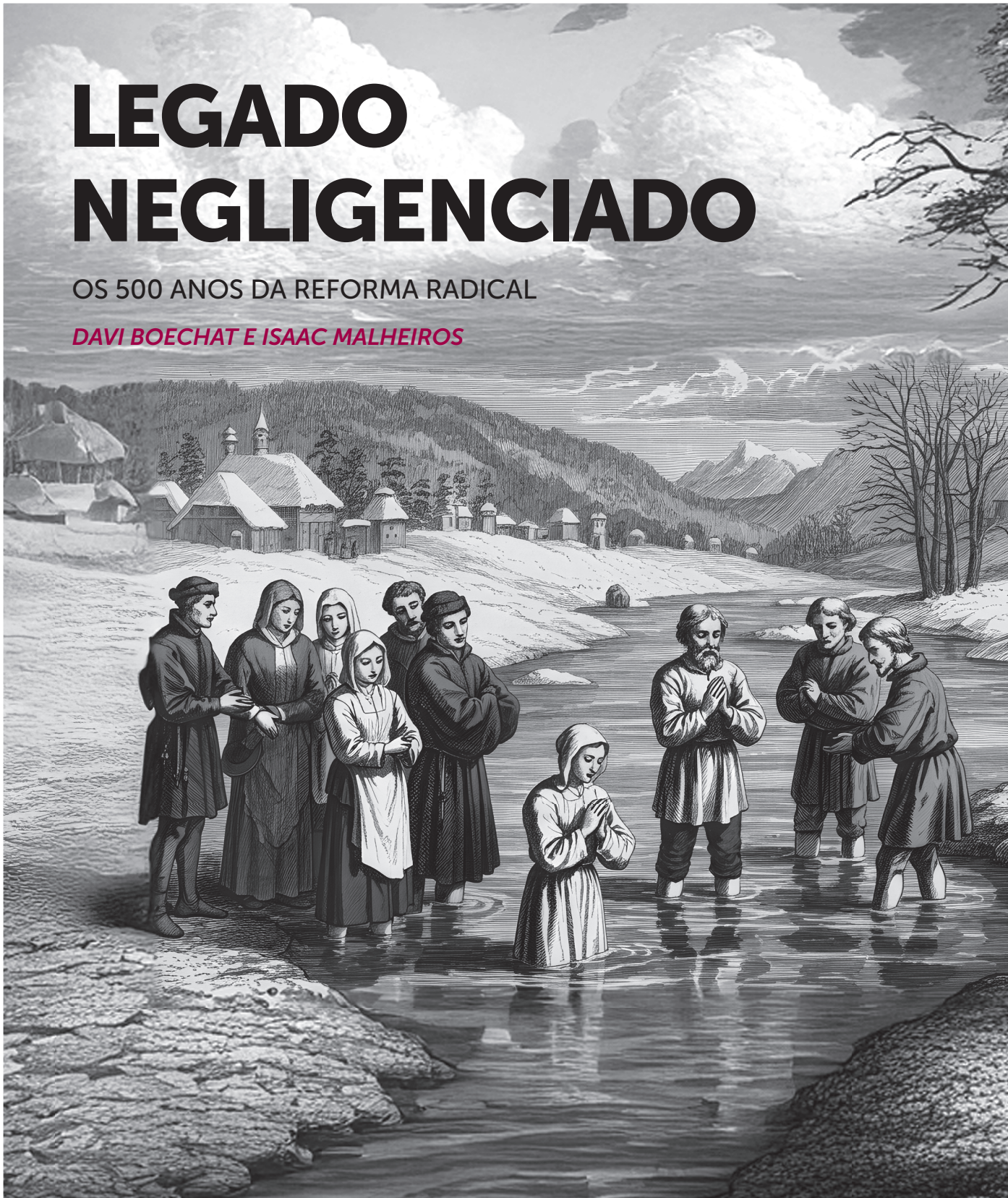




Imagem generativa: Renan Martin

As comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante ocorreram em 2017. Músicas que falam sobre a salvação pela fé e a Bíblia como única base para a doutrina, além de eventos e uma grande quantidade de livros e artigos, garantiram que a data não fosse esquecida. Até camisetas com imagens de Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564), dois dos principais nomes da Reforma, foram vendidas. Com toda essa agitação, um aspecto significativo da história foi negligenciado: a chamada Reforma Radical.

Dois grupos importantes surgiram na Reforma. O primeiro foi a conhecida Reforma Magisterial, que recebeu o apoio de governantes e autoridades. O segundo grupo foi a Reforma Radical, composta por cristãos que desejavam aprofundar ainda mais o retorno às raízes do evangelho. Rejeitavam o catolicismo, o protestantismo predominante e as relações entre Igreja e Estado (Alister McGrath, *O Pensamento da Reforma* [Cultura Cristã, 2014], p. 308). Por essa atitude, eles foram perseguidos tanto por católicos quanto pelos reformadores magisteriais.

COMPROMISSO RADICAL

Os reformadores radicais são frequentemente chamados de “anabatistas”, um termo pejorativo atribuído por seus adversários que significa “aquele que rebatiza”. No entanto, esse termo acabou sendo aceito sem o estigma negativo. Em 2025, celebram-se 500 anos do evento que deu início ao movimento anabatista: o batismo coletivo conduzido por Jorge Blaurock, em janeiro de 1525, na Suíça (Roger Olson, *História da Teologia Cristã* [Vida, 2011], p. 427). Por meio desse ato, eles negaram a legitimidade do batismo infantil e a autoridade das igrejas estatais, dando início à fase radical da Reforma Protestante.

Para os reformadores radicais, Lutero e Calvino ainda mantinham vínculos com aspectos do cristianismo medieval, como o constantinismo e a teologia agostiniana (Olson, *História da Teologia Cristã*, p. 426). Além disso, eles criticavam o monergismo rígido e a predestinação, que diminuía a responsabilidade humana, e sustentavam que a verdadeira igreja deveria ser composta apenas por cristãos conscientes, distantes do mundo e de poderes coercitivos.

Menno Simons (1496–1561) e Balthasar Hubmaier (1485–1528) foram os pensadores mais notáveis do ramo radical. Antes de se juntarem

ao movimento, ambos possuíam formação teológica e experiência como líderes. Em 1536, Simons, um ex-sacerdote, converteu-se ao anabatismo e, arriscando a vida, dedicou-se à criação de uma rede de igrejas clandestinas. Geralmente, pregava à noite nas casas e não costumava ficar muito tempo no mesmo lugar. As igrejas menonitas recebem o nome dele.

Por sua vez, Hubmaier sustentava que a vida cristã genuína se inicia com uma escolha pessoal em resposta à graça, e que o batismo deve ser uma declaração pública de fé. Ele se opunha ao batismo infantil, argumentando que recém-nascidos não são capazes de ter fé genuína. Além disso, defendia a separação entre Igreja e Estado e a liberdade religiosa, condenando de forma enfática a coerção do pensamento e a perseguição.

Os radicais anabatistas, em busca de levar a Reforma ao extremo, elevaram o princípio *sola Scriptura*. Também promoviam a ética cristã no trabalho, um modo de vida simples e adotavam posturas igualitárias de gênero, além de preceitos abolicionistas. Negavam todas as formas de violência, incluindo a pena de morte, o serviço militar, o uso de armas e a noção de “guerra justa”. Nesse sentido, a Confissão de Schleithem (1527), um dos documentos anabatistas mais importantes, expressou claramente o princípio da não violência.

A FORÇA DA IGREJA E O BRAÇO DO ESTADO

Os anabatistas foram os primeiros a afirmar que nenhum governo pode obrigar as pessoas a seguir uma determinada religião. Por defenderem essa crença com firmeza, pagaram um alto preço. Os anabatistas se opuseram à ideia de uma “sociedade cristã” unificada sob uma igreja estatal, proposta por reformadores magisteriais como Martin Bucer. Eles rejeitavam juramentos e serviço militar, acreditando que a verdadeira igreja era composta por fiéis distintos da falsa igreja que realizava o batismo de crianças.

Na Alemanha luterana, os “soberanos de Augsburgo nunca estavam dispostos a tolerar o que eles consideravam como doutrinas sediciosas dos anabatistas e em grande número estes foram presos, inclusive muitas mulheres, que eram ativas como missionárias e mestras” (Dale Irvin e Scott Sunquist, *História do Movimento Cristão Mundial* [Paulus, 2015], p. 129). As perseguições envolveram a perda da custódia dos filhos, pois a recusa em batizá-los era vista como uma forma de maus-tratos. As crianças eram “entregues para famílias de grupos eclesiais oficialmente reconhecidos” (Olson, *História da Teologia Cristã*, p. 428). Na Suíça, Alemanha e Áustria, os



A ÊNFASE ANABATISTA NA LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA ECOA NÃO APENAS A DEFESA ADVENTISTA DA LIBERDADE RELIGIOSA, MAS TAMBÉM SUA ESCATOLOGIA

anabatistas foram perseguidos, aprisionados, torturados, exilados e mortos. A principal região da Europa Central que aceitou seus ensinamentos foi a Morávia, situada a leste da Boêmia.

TESTEMUNHO DOS MÁRTIRES

Os anabatistas passaram a sofrer martírio com frequência. Em *O Espelho dos Mártires*, obra extensa e ilustrada escrita no século 17, Thielemann J. Van Braght (1625–1664) descreveu as perseguições e os martírios dos reformadores radicais. Por se oporem ao batismo infantil obrigatório, muitos foram executados por afogamento, ato que os algozes denominavam de “terceiro batismo”. Assim, em 1527, faleceu o primeiro mártir anabatista, Felix Manz (1498–1527), um ex-discípulo de Zuínglio. Após recusar-se a renunciar à sua fé, Manz foi lançado no rio Limmat, em Zurique, Suíça, com as mãos amarradas atrás dos joelhos. As últimas palavras que proferiu foram: “Senhor, em Tuas mãos entrego o meu espírito”.

A fogueira e a força também eram métodos de execução empregados pelos perseguidores. Durante o suplício, os mártires anabatistas aproveitavam a oportunidade para professar sua fé perante as pessoas que se reuniam para assistir. Os algozes ficavam tão incomodados com essa prática que começaram a implementar táticas para evitar que as execuções se transformassem em um púlpito. Entre essas medidas, destacam-se a alteração dos horários das execuções sem aviso prévio, a realização dos atos durante a madrugada e o uso de tambores para silenciar a voz dos mártires.

REFORMA RADICAL E ADVENTISMO

A Reforma Radical, embora negligenciada, ainda ressoa. Seus herdeiros diretos – menonitas, amishes, huteritas e schwenckfelders – mantêm seu legado, porém sua influência ultrapassa esses grupos.

O protestantismo brasileiro tem raízes que se conectam de forma significativa com essa corrente (link.cpb.com.br/28f2e7).

Menonitas e adventistas têm dialogado. Entre 2011 e 2012, dirigentes da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia e da Conferência Mundial Menonita se reuniram e identificaram importantes semelhanças, incluindo o anseio compartilhado de restaurar a autenticidade da igreja do Novo Testamento, uma perspectiva parecida sobre a história do cristianismo e a dedicação ao discipulado e ao testemunho cristão. Em 2014, esses diálogos culminaram no documento intitulado *Living the Christian Life in Today's World* [Vivendo a vida cristã no mundo de hoje], que foi ratificado pelas duas denominações (link.cpb.com.br/dfaccf).

Ambas as comunidades compartilham diversas crenças e práticas, como o batismo somente de quem professa a fé de forma consciente, a Ceia do Senhor como símbolo, a separação entre Igreja e Estado, o sacerdócio de todos os crentes e a ênfase na santificação e na obediência aos mandamentos (Rodrigo Galiza, “A Reforma Radical”, em *A Reforma Protestante* [CPB, 2017], p. 57).

Assim como no adventismo, o culto anabatista era simples e participativo, priorizando o envolvimento de toda a comunidade, sem formalidades ou hierarquias rígidas. O lava-pés, que representa humildade e serviço cristão, era comumente parte da Ceia do Senhor.

Existem também relatos de que alguns anabatistas retomaram a observância do sábado, embora seja difícil avaliar a extensão dessa prática (link.cpb.com.br/c187fc).

LIBERDADE PARA TODOS

A ênfase anabatista na liberdade de consciência ecoa não apenas a defesa adventista da liberdade religiosa, mas também sua escatologia, que critica veementemente a imposição de crenças religiosas pelo Estado. Embora tenha sido fortemente perseguida, a ideia anabatista de separação entre Igreja e Estado acabou se tornando um padrão para a maioria das igrejas evangélicas atuais.

Os anabatistas desempenharam um papel importante na história do cristianismo e dos direitos humanos ao confrontar sistemas políticos e religiosos. Hoje, para nós, é inegociável defender a liberdade de consciência e crença, a busca por uma ética cristã autêntica e a adesão ao princípio *sola Scriptura*. O legado anabatista nos inspira a perseverar na construção de uma igreja fiel, livre e dedicada aos princípios do evangelho, custe o que custar. ■

DAVI BOECHAT é jornalista; ISAAC MALHEIROS é professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia do Unasp



Fidelidade à prova

A IMPORTÂNCIA DA FÉ RESILIENTE EM MOMENTOS DE PERDA

PABLO CANALIS

UM RÚIDO INCOMUM FOI OUVIDO. O VENTO SOPRAVA forte, e a chuva começava a cair. Parecia uma tempestade de verão: intensa e pesada. No entanto, naquele dia, o barulho era diferente, pelo menos para Enzo, que se levantou do sofá de forma rápida e correu até a janela. Foi nesse momento que, subitamente, escutou o pai gritar: “Não acredito! É granizo! Vou perder a safra!”

Enquanto o pai manobrava o carro, a mãe, igualmente apavorada, correu aflita para colocar a caminhonete em um abrigo. Molhados e tomados pela angústia, os dois voltaram para casa. Permaneceram imóveis, encarando a tempestade pela janela com uma expressão de desespero e resignação. Aquele não havia sido um bom ano. A safra de uvas representava uma parte essencial do sustento financeiro daquela família de agricultores.

Enzo olhou para o pai e notou algo diferente: lágrimas deslizavam por seu rosto fatigado. O menino, já com dez anos, nunca o tinha visto chorar. Todos permaneceram em silêncio por alguns instantes. Depois, o pai limpou as lágrimas, deixou a sala e foi para o quarto. Intrigado, Enzo decidiu acompanhá-lo. Então, viu seu pai ajoelhado ao lado da cama, orando. O garoto entendeu e, desejando contribuir de alguma

maneira, também se ajoelhou para orar em silêncio. A mãe, ao ver a cena, respirou fundo e se uniu aos dois em oração.


Aquela tempestade de granizo durou pouco, mas pareceu interminável. As pedras de gelo eram do tamanho de uma acerola. Após orarem por aproximadamente 20 minutos, levantaram-se para verificar o que havia ocorrido. Havia perdido toda a plantação.

Enzo olhou para seu pai e questionou: “E agora, papai? Deus não ouviu nossas orações? Por que tudo foi perdido?” Com carinho, o homem respondeu: “Filho, o mais importante é confiar em Deus. É Ele quem nos mantém. Não são as uvas que nos sustentam. Já passei por momentos muito difíceis e aprendi que acreditar no Senhor não significa estar isento de problemas. Ter fé não é garantia de que não enfrentaremos sofrimento. Mesmo que tenhamos perdido essa safra, não deixaremos de confiar no Pai que está nos Céus.”

Enzo não se esqueceu daquela resposta plena de convicção. A família enfrentou um ano difícil. Para cumprir suas obrigações financeiras, tiveram que vender um carro. Porém, nada lhes faltou, e todas as despesas foram quitadas.

Confiar em Deus quando as coisas dão errado é um desafio! Às vezes, parece que a angústia prevalece, o medo nos conduz e a desesperança se apodera do futuro. No entanto, essa experiência ensinou a Enzo uma lição importante: ser resiliente e confiar no Senhor, independentemente das circunstâncias.

Como temos nos comportado nos momentos mais desafiadores da vida? Temos usado essas circunstâncias para depositar mais confiança em Deus, sem exigir resultados? Temos sido fortes no Senhor?

Vivemos em uma época na qual o adversário tenta nos persuadir de que Deus é obrigado a nos proteger de todo sofrimento. Inclusive, algumas vezes exigimos isso de maneira presunçosa. Contudo, o foco não deve ser o sofrimento, mas nossa confiança no Senhor. É preciso ter certeza: somos filhos de Deus e coerdeiros com Cristo. Se sofrermos com Ele, um dia, com Ele, também seremos glorificados (cf. Rm 8:17). 

PABLO CANALIS é médico especialista em Psiquiatria, pós-graduado em Medicina da Família e Comunidade

O FOCO NÃO DEVE
SER O SOFRIMENTO,
MAS NOSSA
CONFIANÇA NO
SENHOR



Momentos com Deus

DEVOCIONAIS LEVAM INSPIRAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA TODAS AS GERAÇÕES

OSCAR LOPES

OS NOVOS DEVOCIONAIS DA CASA PUBLICADORA BRASILEIRA para 2026 são oportunidades de leitura capazes de motivar e inspirar as diferentes gerações. Baseadas na Bíblia, as reflexões diárias proporcionam orientação segura, visando o fortalecimento espiritual e o avanço na caminhada cristã.


Para o ano seguinte, o Devocional Diário é de autoria de Ellen G. White, considerada a escritora americana mais traduzida do mundo, com obras traduzidas para mais de 160 idiomas. Com o título *Fonte de Alegria*, esse devocional é a versão em português do primeiro devocional diário compilado a partir de seus escritos, publicado originalmente em 1946. A obra transmite a essência da alegria cristã e da felicidade duradoura em Jesus. Afinal, a alegria é parte do fruto do Espírito (Gl 5:22) e deve ser cultivada diariamente, de forma intencional. Essa coletânea é um convite para tornar sua jornada espiritual mais radiante, positiva e cheia de esperança.

Já o Devocional da Mulher para 2026 terá o título *Sob Suas Asas*. A obra reúne histórias, testemunhos e a fé vibrante de irmãs em Cristo que, dia após dia, aprendem a depender de Deus. Além de alimentar espiritualmente as leitoras, esse devocional contribui para que jovens cristãs obtenham recursos para estudar, uma vez que os direitos autorais da obra são destinados a bolsas de estudos em universidades adventistas.

O Devocional Jovem também está repleto de histórias inspiradoras que motivam a juventude a viver de forma ativa, responsável e relevante em sua geração. *Protagonistas* foi escrito pelo pastor Félix Cortez, professor de Literatura

do Novo Testamento na Universidade Andrews, nos Estados Unidos. Combinando profundo conhecimento bíblico com uma linguagem atual e acessível, o autor oferece uma experiência edificante a cada leitura.

Por sua vez, o público pré-adolescente contará com o Devocional Teen *Quando Tudo Dá Certo*. Inspirado nas aventuras do pastor Geraldo Marski, apresenta um visual criativo e moderno, com ilustrações pensadas para atrair esse público. Ao longo de seus 96 anos de vida, o pastor Marski colecionou diversas histórias sobre a providência e o cuidado de Deus diante dos desafios. Seu legado ensina que, quando Deus está à frente, tudo dá certo.

Os leitores iniciantes também serão nutridos diariamente com o Devocional Kids *Aqui, Ali, em Todo Lugar*. Preparado com todo capricho pela autora, Monie Braga, o material utiliza uma linguagem simples e prática. Essa meditação mostra às crianças que é possível perceber o amor e o cuidado de Deus em todos os lugares: em casa, no aeroporto, na escola, no mar e até no mundo animal. 

OSCAR LOPES é editor na Casa Publicadora Brasileira

TRECHO

“O coração que se encontra em harmonia com Deus partilha da paz do Céu e difunde ao redor de si sua bendita influência” (Ellen G. White, *Fonte de Alegria*, p. 17).



O que faremos no paraíso?

ADORAÇÃO, AMOR PLENO E SERVIÇO DESINTERESSADO MARCARÃO A ETERNIDADE

ENIO SCHEFFEL JÚNIOR

EM ALGUM MOMENTO DA VIDA, TODOS ACABAMOS fazendo a mesma pergunta: O que faremos na eternidade? Sabemos, pelas Escrituras, que os salvos habitarão em um lugar de paz, no qual não haverá mais morte, tristeza, dor e nem lágrimas (Ap 21:4). Mas o que, de fato, preencherá nossos dias no novo céu e na nova Terra?

Alguns sonham com mansões sobre montes e férias infinitas em mares cristalinos. As crianças se encantam com leões mansos e girafas brincalhonas. Mas será que essas imagens, por mais belas que sejam, realmente tocam o anseio mais profundo do nosso coração? Talvez não, justamente por parecerem apenas versões ampliadas de prazeres passageiros que já conhecemos aqui.

E então, a pergunta ecoa com ainda mais força: O que realmente faremos no lar dos redimidos? A Bíblia nos oferece uma pista: “Estão diante do trono de Deus e O adoram de dia e de noite no Seu santuário” (Ap 7:15). Serviremos a Jesus. Mas como? Em Mateus 25, o Rei fala aos que herdarão o Reino:

“Tive fome, e vocês Me deram de comer; tive sede, e vocês Me deram de beber; Eu era forasteiro, e vocês Me hospedaram; Eu estava nu, e vocês Me vestiram; enfermo, e Me visitaram; preso, e foram Me ver” (v. 35, 36).

O Céu é feito de amor em ação, de serviço genuíno. Mesmo que lá não haja fome, doença ou prisão, o coração do Reino permanece o mesmo: um Deus que Se doa. Ele nos diz: “Sempre que o fizeram a um destes Meus pequeninos irmãos, foi a Mim que o fizeram” (Mt 25:40). Servir ao outro é tocar o próprio Deus. É amar como Ele ama.

O apóstolo João declarou: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odiar o seu irmão, esse é mentiroso. Pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E o mandamento que Dele temos é este: quem ama a Deus, que ame também o seu irmão” (1Jo 4:19-21).

A lógica divina é a do amor que não busca interesses próprios. O Céu é regido por essa lei: a doação voluntária, o bem praticado com alegria, a bondade que brota do coração. Ellen White escreveu que “a glória do nosso Deus é doar” e que, por intermédio Dele, “completa-se o circuito da bondade, representando o caráter do grande Doador: a lei da vida” (*O Desejado de Todas as Nações* [CPB, 2021], p. 10). Quanto mais nos parecemos com Cristo, mais nos libertamos do egoísmo e mais encontramos sentido para viver.

Poucas coisas são tão gratificantes quanto fazer alguém feliz. Desde ajudar um idoso a atravessar a rua até doar algo precioso para salvar uma vida, há uma alegria que nenhuma riqueza ou prazer pode imitar. É o brilho nos olhos de quem foi tocado por Deus por meio de nós.

O paraíso não se resumirá a cenários deslumbrantes, mas será caracterizado pela experiência eterna de amar e servir. Um lugar em que todos vivem para adorar ao Criador e fazer o bem ao próximo não cansa, não enjoa. Nele, a felicidade tem profundidade, não apenas superfície.

Essa realidade pode começar agora. Quando servimos ao próximo com sinceridade, estamos servindo ao Cordeiro. Ao removermos as barreiras que nos afastam de Deus e dos outros, damos os primeiros passos rumo ao Céu. Afinal, a vida eterna não será apenas viver para sempre, mas viver com sentido.

Então, o que faremos na eternidade? Adoraremos, amaremos e serviremos – e experimentaremos uma alegria que jamais terminará! 🟩

ENIO SCHEFFEL JÚNIOR é colaborador da CPB

A VIDA ETERNA
NÃO SERÁ
APENAS VIVER
PARA SEMPRE,
MAS VIVER
COM SENTIDO



f @ X /cpbeditora
CPB.COM.BR



Acesse e conheça
nossas 20 livrarias



MKT CPB / Adobe Stock / IA

**JUNTOS EM FAMÍLIA,
MAIS PERTO DE DEUS**

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular

PEÇA PELO
WHATSAAPP 
15 98100-5073

BAIXE O APP
CPB LOJA





MANÃ

CADA DIA, CADA UM, CADA MANHÃ

FAÇA SUA ASSINATURA DA **LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA**



E-commerce
CPB.COM.BR



Call Center
0800-9790606
☎ 15 98100-5073



CPB Livraria
Acesse e confira
a livraria mais próxima



Baixe o
Aplicativo



 **CPB**
pra toda a vida